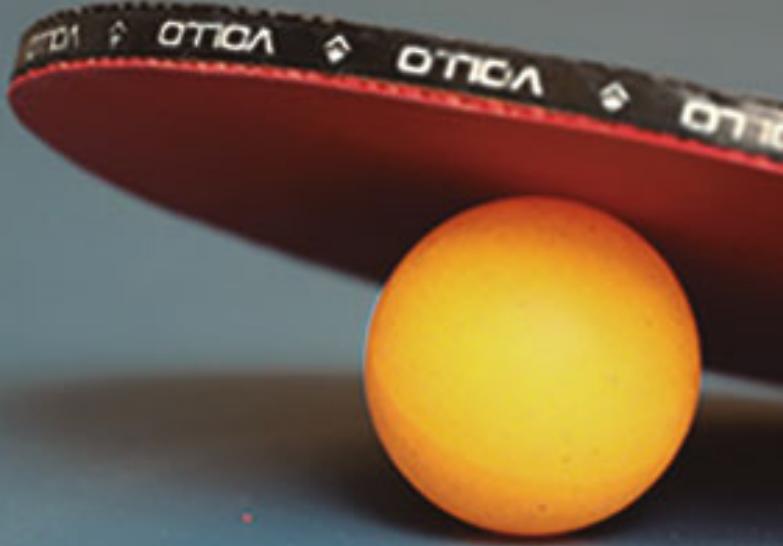




hallceart

#08

Ceart Aberto à Comunidade retoma as atividades
A comunidade em rede do Estúdio de Pintura Aphoteke
O projeto colaborativo da nova Identidade Visual do Ceart
Dez anos da Lei de Cotas na Udesc e no Ceart







Ceart Aberto à Comunidade
em parceria com a Nipocultura
Foto: Gustavo Henrique Gonçalves

Enfim, voltamos!

Após um período de pausa, a Hallceart retorna em mais uma edição! A última, gerada no início de 2021, nos trouxe um pouco do que vivenciamos na pandemia da Covid-19 [Já em 2020], e agora, na 8ª, trazemos um pouco da retomada das atividades presenciais desenvolvidas na Udesc Ceart. Quando os encontros físicos voltaram à rotina, as máscaras literalmente caíram e a vida voltou ao “quase” normal.

Quase, porque muitos ainda não haviam pisado em solos ceartianos ou enxergado de perto seus colegas de turma, professores, funcionários. Não tinham sequer respirado os ares do centro, que arriscamos dizer, mais plural da Udesc. Plural pela diversidade de ideias, de pessoas, de atividades que se desenvolvem aqui.

Então, trazemos na Hallceart #8 um pouco disso: o *Ceart Aberto à Comunidade*, que voltou em três novas edições e com parcerias; os projetos *Estúdio de Pintura Apotheke* e *Encontro de Saberes*; o teatro com uma análise sobre suas transformações, com o digital; a moda digital que reinventou o Octa Fashion, que no primeiro semestre de 2023 chegou à 11ª edição; e não poderíamos deixar de fora: a nova identidade visual, que por meio de um projeto colaborativo, acompanhou não só a mudança do nome do centro que passou a se chamar Centro de Artes, Design e Moda, em 2022, mas o tempo dele, que beirando os 38 anos, trouxe novas cores e referências únicas e particulares.

Porém, tudo isso seria nada sem as pessoas, que nesta edição estão representadas, em cada departamento/curso, nos “ping pong”. Pessoas que contam trajetórias [de vida e de Udesc] e trazem um pouco de nós.

Àqueles que ainda não conhecem o Ceart entederão um pouco mais do que é ser “ceartista” e do quanto a universidade pública contribui por meio das ciências das Artes, do Design e da Moda ao desenvolvimento da sociedade.

Por fim, abordamos os 10 anos da Lei de Cotas no Brasil, nos âmbitos da graduação e pós-graduação da Udesc Ceart, lembrando que ainda há muito o que falar sobre o assunto.

Esperamos que você tenha uma ótima leitura e com ela faça novas descobertas! ■

Foto de capa



Foto e arte:
Agnes Desirée Fiedler

Fotos de entrada e saída



Fotos: Luis Ricardo Pires

quem faz o quê?

Revista Hallceart

Abri de 2023

Distribuição gratuita

Universidade do Estado de Santa Catarina

Reitor: Dilmar Baretta

Vice-Reitor: Luiz Antonio Ferreira Coelho

Centro de Artes, Design e Moda

Diretora-geral: Daiane Dordete Steckert Jacobs

Diretor de Administração: Gustavo Pinto de Araújo

Diretora de Ensino de Graduação: Fátima Costa de Lima

Diretora de Extensão, Cultura e Comunidade: Neide Shulte

Diretora de Pesquisa e Pós-graduação: Viviane Beineke

Conselho Editorial

Presidente

■ Daiane Dordete Steckert Jacobs

Editoras

■ Heloíse Guesser | MTB: 1864-JP/SC
■ Laís Campos Moser | MTB: 3799-JP/SC

Diretora de Arte

■ Anelise Zimmermann

Representantes Docentes

■ Anelise Zimmermann - Design
■ Leonardo Piermartrii - Música
■ Paulo Balardim - Artes Cênicas

Representantes Discentes

■ Giovanna Costa Araújo
■ Rafael Prudêncio Moreira

Projeto Gráfico

■ Camila Meyer
■ Marièle Fantini

Editoração e Design Gráfico

■ Agnes Desirée Fiedler
■ Heloíse Guesser
■ Laís Campos Moser

Colaboradores desta edição

Artigos e textos
■ André Carreira
■ Anelise Zimmermann
■ Daiane Dordete Steckert Jacobs
■ Fátima Costa de Lima
■ Heloíse Guesser
■ Jociele Lampert
■ Maria Aparecida Clemêncio
■ Laís Campos Moser
■ Lídia Gabriella Rodrigues Miranda
■ Luis Ricardo Pires
■ Valeria Bittar
■ Viviane Beineke

Fotografias

■ Agnes Desirée Fiedler
■ Ariel Gaboro
■ Carolina Bonatelli
■ Chris Mayer
■ Dríca dos Santos
■ Flávia Dummer
■ Gustavo Henrique Gonçalves

■ Heloíse Guesser
■ João Frederico da Silva
■ Laís Campos Moser
■ Renan Leopardi
■ Stefano Maccarini

Impressão

Gráfica Copiart
Tiragem: 500 exemplares
80 páginas

Contato

Núcleo de Comunicação - Udesc Ceart
Av. Madre Benvenuta, 1907
Itacorubi, Fpolis/SC | CEP: 88.035-901
+55 (48) 3664-8350
comunicacao.ceart@udesc.br

Saiba mais

🌐 www.udesc.br/ceart
 FACEBOOK: facebook.com/udesc.ceart
 INSTAGRAM: instagram.com/udesc.ceart
 YOUTUBE: youtube.com/udescceart
 FLICKR: flickr.com/udesc_ceart
 TWITTER: twitter.com/udesc_ceart

*Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores

no
hall

08

**Em foco**
Ceart Aberto à Comunidade

Projeto retorna à Udesc de forma presencial com três edições em 2022

14

artes
visu
ais**Em foco**
Estúdio de Pintura Apotheke

Comunidade em rede promove estudos, pesquisas e ações abertas

26

desi
gn**Em foco**
A identidade visual do Ceart

Conheça o projeto colaborativo da identidade visual da Udesc Ceart

**Em foco**
10 anos da Lei de Cotas no Brasil

Conquistas e desafios na Udesc e no Ceart

74

**Em foco**
Célia Antonacci

Livro da professora da Udesc Ceart é um dos vencedores do Prêmio Jabuti

18

**Ping Pong**
Henry Castelar

Egresso do curso de Design Gráfico fala sobre sua trajetória na Udesc

30

Portfolio

Projetos de acadêmicos em prêmios brasileiros de Design

22

**Portfolio**

Exposições na Galeria Jandira Lorenz, da Udesc Ceart

34

moda 38



Em foco
OCTA Fashion

Em 11 anos evento de Moda se reinventa no contexto digital

música 50



Em foco
Encontro de Saberes

Projeto promove construção de instrumentos e cartografia de flautas

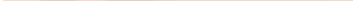
teatro 62



Em foco
O Teatro após o Zoom

Artigo de André Carreira aborda os desafios do Teatro pós-pandemia

Ping Pong
José Heitor da Silva 42



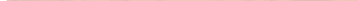
Egresso de Moda conta sobre sua relação com a universidade

Ping Pong
Rodrigo Moreira 54



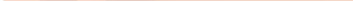
Técnico e egresso da Udesc une música, performance e produção

Ping Pong
Drica Santos 66



Atriz e pesquisadora fala sobre seu percurso e a negritude no Teatro

Portfolio 46



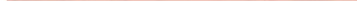
Editoriais do OCTA Fashion 11 realizados no 1º semestre de 2023

Portfolio 58



Apresentações de grupos Udesc Ceart para recordar

Portfolio 70



Registros de peças teatrais realizadas na Udesc



Nipocultura na 2ª edição
do Ceart Aberto de 2022
Foto: Heloíse Guesser

O Ceart Aberto (novamente) à Comunidade

Após o período de pandemia o evento volta à universidade em 2022 com três edições

Por Heloíse Guesser, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

O pulsar do Centro de Artes, Design e Moda (Ceart) nunca parou, nem foi mais fraco. Mesmo diante da Pandemia da Covid-19, que passou por aqui. Aliás, acontecimento que fez bater ainda mais forte o coração desse centro movido por pessoas em toda a sua diversidade, que juntas trouxeram soluções e novas alternativas que pudessem não substituir, mas fazer seguir com o que o Ceart sempre fez de melhor: arte e cultura, e poder levá-las para além da universidade. Chegar, sim, à comunidade.

Depois de praticamente dois anos, com as “portas fechadas” e com edições virtuais, 2022 pôde presentear o público com três edições presenciais do Ceart Aberto à Comunidade. Os que já conheciam o projeto puderam voltar a vivenciá-lo neste formato e os que não conheciam tiveram a oportunidade de estar junto ao centro e toda a sua criatividade.

“Foi um sábado de reencontro, trocas, compartilhamento e de solidariedade, tudo isso, por meio da arte, do artesanato, do design, da moda e da gastronomia local.”

(Neide Schult, Diretora de Extensão, Cultura e Comunidade da Udesc Ceart)



Após uma primeira edição presencial, no fim de 2021, no Mês da Consciência Negra, na escola Olodum Sul, a segunda, após impedimento da Covid-19, aconteceu em 30 de abril de 2022, com uma vasta programação nas dependências da Udesc Ceart, em Florianópolis.

Podemos dizer que o evento foi nada tímido. Surpreendeu em termos de público e variedade de atividades, superou as expectativas. A Direção de Extensão, Cultura e Comunidade (DEX) e o Núcleo de Produção Cultural, responsáveis pela coordenação e execução do evento, podem dizer que o retomaram, no formato presencial, com “pé direito”.

A edição foi marcada por feiras gastronômica e de arte, moda e artesanato, além de exposições, apresentações artísticas, palestras, oficinas e lançamento de livro. O Espaço Criança, sempre presente, também esteve com atividades especiais para o público infantil. “Essa edição trouxe um espaço para a comunidade trazer seus empreendimentos. Foi um sábado de reencontro, trocas, compartilhamento e de solidariedade, tudo isso, por meio da arte, do artesanato, do design, da moda e da gastronomia local”, lembra a diretora de Extensão Cultura e Comunidade da Udesc Ceart, Neide Schulte, coordenadora-geral do evento.



Feira de artesanato foi um dos destaques da 1ª edição do Ceart Aberto à Comunidade em 2022. Fotos: Heloíse Guesser



Demonstração de Kyudo - arquearia tradicional japonesa

Foto: Gustavo Henrique Gonçalves



Oficina de dança japonesa também foi sucesso na 2ª edição de 2022

Foto: Heloísa Guesser

O Japão no Ceart

Dois meses depois da 1ª edição, num sábado, dia 25 de junho de 2022, as portas do Ceart novamente se abriram, no Ceart Aberto *Imin Matsuri - Festival da Imigração Japonesa no Brasil*. Por meio de uma parceria, que podemos chamar de sucesso, com a Nipocultura, o Centro de Artes, Design e Moda da Udesc realizou um dos maiores Ceart Abertos.

O aperto de mãos entre a universidade e a Nipocultura aconteceu pela primeira vez em 2018, com a primeira participação da entidade no evento. E se repetiu em 2019, trazendo pela segunda vez a tradição japonesa como foco do evento. “Nipocultura é a divulgadora da cultura japonesa. É formada por pessoas que têm interesse em compartilhar as tradições e os costumes japoneses”, explica Hisae Kaneoya, organizadora do evento pela Nipocultura, junto ao Ceart Aberto.

Podemos dizer que o sucesso foi tão grande que até mesmo as comidas típicas japonesas não foram suficientes para o público visitante, que pôde experimentar, além do sabor, música, performances, feiras, danças e tantas outras atividades num dia encalorado de inverno em Florianópolis, vivenciando a tradição japonesa existente no litoral de Santa Catarina.

“Ao juntarmos a cultura local, catarinense, composta pelas culturas portuguesa, italiana, alemã e outras, acreditamos enriquecer a cultura brasileira, por si só, multifária com as etnias nativas, africanas e europeias [...]. Poder divulgar a cultura japonesa em um espaço acadêmico onde estão presentes os formadores de opinião nos permite ampliar o seu alcance”, acrescenta Hisae.



Origamis da oficina, no Ceart Aberto. Foto: Heloíse Guesser



Oficina de escrita japonesa. Foto: Heloíse Guesser



Feira gastronômica com comida típica japonesa
Foto: Gustavo Henrique Gonçalves



Hisae Kaneoya em entrevista à repórter Bruna Radtke da NSC
Foto: Heloíse Guesser

“É sempre uma experiência muito enriquecedora, poder realizar eventos em parceria com professores, acadêmicos e profissionais de diversas áreas das artes promovendo intercâmbio entre culturas.”

(Hisae Kaneoya – Nipocultura)



Ceart Aberto à Comunidade na Escola Olodum Sul, no bairro Jardim Atlântico, em Florianópolis. Foto: Lais Moser

Ceart Aberto à Cultura Negra e Afro-brasileira

O conhecimento, alinhado ao desenvolvimento e ao fomento da cultura local, gerado pelo Ceart fez com que uma parceria importante, assinada por convênio, viesse a se efetivar em 2022. A Escola Olodum Sul, a primeira e única (até o momento) fora da cidade de Salvador, na Bahia, pela segunda vez, realizou em suas dependências, no bairro continental de Florianópolis, Jardim Atlântico, um segundo Ceart Aberto à Comunidade com a temática do Dia da Consciência Negra, celebrado no Brasil no dia 20 de novembro.

Foi num sábado que antecede a data, 19 de novembro, que o Ceart se fez presente na Olodum Sul, e com dança, poesia, shows e feiras de gastronomia e de produtos da cultura afro-brasileira, que o público pôde se servir de conhecimento e tradição.

As apresentações contaram com diferentes atrações como o *Grupo Mitos*, a *Cia Finesse Black*, a banda *Cores de Aidê*, *Novos Bambas* e com a *Bateria Show Unidos da Coloninha*. O *Slam de Poesia*, a declamação de poemas como instrumento de construção positiva da identidade, a apresentação do projeto Capoeira na Escola e o experimento Ecomusical, foram também atrações.

O Espaço Afro reuniu a feira cultural, a gastronomia, a mostra de fotografia e apresentações das oficinas com crianças e adolescentes da escola. O evento que iniciou às 9h30 da manhã, seguiu intenso até o entardecer de um dia ensolarado e quente.

“A parceria entre a Escola Olodum Sul, por meio do Instituto Liberdade junto à Udesc Ceart vem possibilitando a fruição da cultura em espaços esquecidos e marginalizados. Isso gera uma sinergia positiva que desemboca na melhora da percepção cognitiva de meninos e meninas das áreas vulneráveis da parte continental da Capital”, afirma o professor Marcos Canetta Rufino, idealizador e coordenador-geral da Escola Olodum Sul.

Convênio

A parceria entre o Ceart Aberto e a Escola Olodum Sul, se deu após a primeira experiência do evento realizado na escola no dia 20 de novembro de 2021, em alusão ao Dia da Consciência Negra. Após a experiência, no segundo semestre de 2022, a Udesc Ceart e a Olodum Sul assinaram um convênio de cooperação, oportunizando a realização de atividades entre as duas instituições.

O convênio visa atender às áreas de ensino, pesquisa, extensão, cultura, estágio curricular obrigatório e estágio curricular não obrigatório dos cursos de Teatro, Artes Visuais, Música, Design e Moda.

A diretora-geral da Udesc Ceart, professora Daiane Dordete, coordenadora do projeto entre os anos de 2018 e 2021, lembra que em 2022 o Ceart Aberto à Comunidade completou 18 edições: “O Ceart Aberto é construído por muitas mãos. Surgiu como demanda da comunidade acadêmica por meio do NPP – Núcleo



Exposição em alusão ao Dia da Consciência Negra.



Apresentação com instrumentos feitos de material reciclado
Foto: Heloíse Guesser

de Proposições Participativas, em 2017, e é realizado através do envolvimento de estudantes, docentes, técnicas/os, convidadas/os e parceiras/os. Em 2023 será lançado o catálogo do projeto, organizado pela professora Neide Schulte e pela técnica universitária Marlene Torrinelli, que registra o projeto que envolve comunidade acadêmica e comunidade externa através da extensão universitária".

O convênio amplia a oferta de atividades curriculares de extensão nos cursos do Ceart, com base na Resolução MEC/CNE/CES nº 007/2018, de 18 de dezembro de 2018, que institui a curricularização da extensão em todos os cursos de graduação do país. "Tais atividades devem envolver diretamente comunidades externas à universidade, atendendo demandas sociais e abrangendo áreas temáticas da extensão universitária, além de garantirem o protagonismo dos e das discentes em sua execução", completa a diretora de extensão, cultura e comunidade e coordenadora-geral do projeto, Neide Schulte. ■



Dança marcou a 3ª edição de 2022. Foto: Heloíse Guesser



Neide Shulte no Ceart Aberto
Foto: Heloíse Guesser



Marcos Canetta da Olodum Sul. Foto: Laís Moser

Saiba mais

udesc.br/ceart/ceartaberto

facebook.com/ceartabertoacomunidade

instagram.com/ceartaberto



Foto: Acervo Apotheke

Estúdio de Pintura Apotheke

Comunidade em rede promove estudos, pesquisas e ações abertas na Udesc

Por Jociele Lampert

Escrever sobre o Estúdio de Pintura Apotheke me é muito caro, em todos os sentidos: em termos de afetividade, pois congrega uma comunidade de amigos, parceiros, colegas e orientandos de graduação e pós-graduação; no âmbito profissional, pois é o cerne de minhas ações de ensino, pesquisa e extensão na Udesc Ceart - lugar que eu escolhi trabalhar e consolidar minha carreira acadêmica.

Escrever sobre o Apotheke (como gostamos de chamar) é reviver meus diários de “Arte & Vida”. É sabido, por professores universitários, que trabalhamos muito, produzimos muito e em alguns momentos precisamos desenvolver outras habilidades. Concursada, e tentando colocar em prática anos de estudos agregados no mestrado e no doutorado na área das Artes Visuais, eu tinha algumas perspectivas em meados dos anos 2000. Fui coordenadora de estágio e chefe do Departamento de Artes Visuais (DAV). Na época, queria muito que “tudo desse certo” e que minhas escolhas reverberassem de alguma forma. Com o falecimento de minha mãe decidi que a vida precisava ser diferente. Eu queria mais que um trabalho, queria viver minha pesquisa, ter tempo de qualidade no trabalho e, sobretudo, eu queria ser uma professora feliz. Assim, planejei um afastamento, estudei durante três anos. Recebi um convite como professora visitante no *Teachers College*, na *Columbia University* e, em 2013, recebi uma bolsa de pesquisa *Fulbright*. Estive em *New York* (EUA) durante um ano, trabalhando, estudando, fazendo residência artística e, finalmente, organizando as ideias a respeito de qual era o meu desejo, para o contexto, no qual eu voltaria. Em 2014, eu criei o Estúdio de Pintura Apotheke como um Programa de Extensão, com três ações ou projetos vinculados: grupo de estudos, periódico acadêmico e aulas abertas.



Foto: Acervo Apotheke

No grupo de estudos estudávamos processos artísticos vinculados à pintura, fazíamos exposições, estudávamos textos, basicamente os de John Dewey, que é a base e escopo teórico e epistemológico que seguimos até hoje. Organizávamos as ideias para criação do periódico *Revista Apotheke* e, ainda, planejávamos aulas abertas com convidados. Foram anos férteis.

Oferecemos cursos de formação para professores e artistas, gerados a partir do interesse das pesquisas que eu orientava. Uma metodologia de trabalho foi criada, baseada no estudo de artistas professores, sempre documentando, mapeando e produzindo a partir das referências. Intensificamos os trabalhos no comitê editorial da revista.

Expansão para outros projetos

Nos anos seguintes, fortalecemos a tríade ensino, pesquisa e extensão. Criamos espaços para pesquisa com o estágio docência com aderência da pós-graduação. Consolidávamos “O estúdio de pintura como um laboratório de ensino e aprendizagem em Artes Visuais” (projeto vigente até o momento), que teve apoio da Fapesc, Capes e CNPq, por meio de edital universal e de bolsas de pesquisa. Conseguimos investir em materiais e produção. À época, contávamos com



Foto: Acervo Apotheke

22 ações de extensão e 36 parceiros (universidades, escolas públicas e privadas), que nos procuravam para estudar e propor práticas, tanto no âmbito da pintura, quanto no âmbito da metodologia ativa.

Em 2020, viramos um Programa Permanente de Extensão. Foram 10 teses defendidas e mais de 15 dissertações vinculadas, e outros tantos TCCs implícitos ao objeto de pesquisa: o ensino de pintura, a formação docente em Artes Visuais e o caráter performático do artista professor e pesquisador, no que confere à linguagem pictórica. Deste contexto criamos estudos sobre a aula ateliê, a clínica de obra e a microprática. É isso: inventamos e adensamos os estudos. Afinal, qual a relação de fato entre arte e ciência? O que fazemos na arte é ciência, enquanto produção de conhecimento. E se o fazemos, é porque há articulação entre a teoria e a prática.

Na *Aula Ateliê* criamos mesas e cenas pedagógicas, que servem de convite para aulas da graduação e da pós. O ateliê é mais que um espaço para habitar durante uma aula, é um espaço para criação permanente.

Na *Clínica de Obra* criamos o momento de orientação e mediação, que vincula e expõe conceitos sobre interação e continuidade, além da resolução de problemas, tudo coletivamente.



Fotos: Acervo Apotheke

Já as *Micropráticas*, podemos dizer, não são oficinas onde se aprende técnica ou procedimento, apenas, é mais similar a um workshop, que sugere continuidade e interação, por meio de plataformas digitais e orientações críticas.

E temos os *Cursos de Formação Docente*, nos quais adensamos o uso da plataforma Padlet, que é uma mesa de estúdio, e com ela o participante posta em tempo real as atividades propostas. Após o curso, os participantes seguem com a continuidade de seus estudos e a orientação sobre os procedimentos adotados.

Vinculam-se ao Estúdio publicação de livros, materiais educativos e vídeo-aulas. Para o futuro, pretendemos ter outras novidades virtuais, na pandemia da Covid-19, tivemos atividades assim, como a realização de lives e aulas abertas. Nesse momento criamos o perfil no Instagram e o canal no YouTube, lá oportunizamos atividades, até hoje.

A *Revista Apotheke*, periódico organizado por professores, que configuraram as parcerias e que têm total autonomia em seus processos de trabalho. Atualmente, a revista tem classificação Qualis de excelência A3 (pela Capes).



Fotos: Acervo Apotheke

Apotheke em Rede

Em 2022, criamos o *Apotheke em Rede*. Os egressos Fábio Wosniak e Juliano Siqueira, hoje professores universitários, criaram seus “apothekeS”, nascendo assim o “*Apotheke em Dissidência*”, vinculado à Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), e o “*Apotheke Londrina*”, vinculado à Universidade do Estado do Paraná (UEL), espaços reais que se configuram como ações interinstitucionais. Na Udesc Ceart, somam-se ao *Apotheke em Rede* a professora Dulce Holanda e a professora Anelise Zimmermann, que coordenam ações de extensão do “*Apotheke em Moda*” e do “*Apotheke em Design Educação*”, respectivamente.

Apotheke Internacional

Em 2023, o CNPq concedeu bolsas de pesquisa para investigação em cooperação internacional, e assim configurou-se o *Apotheke Internacional – Portugal*, que deriva de uma rede de pesquisadores internacionais, interessados em estudar pintura. Neste caso, quatro bolsas de pesquisas: uma para professor visitante, outra de pós-doutorado, e mais duas de doutorado sanduíche foram aprovadas para o projeto.

Para o futuro

Para 2024, projetamos o *Apotheke na Escola*, com ações que vinculam o estágio curricular supervisionado e cursos de formação docente, no âmbito da Educação Básica, como meta e estratégia. Para além, até 2025, o objetivo é criar o *Laboratório Estúdio de Pintura Apotheke* com apoio da Fapesc e CNPq, que articulará ações aproximando ainda mais o ensino, a pesquisa e a extensão.

Notas finais

Gosto de pensar que vivo o que pesquiso e que instauro um movimento vivo ao que faço como professora, e isto faz o Apotheke, em toda sua estrutura, frutificar. Vivemos, sentimos e fazemos educação pela arte e pela pintura, mas é pelo cerne da rede que deambulamos com excelência e trabalho. Fazer projetos de pesquisa, de extensão e mesmo de ensino, demanda articulação política, pedagógica e, até mesmo, posicionamento de ação. A resolução de problemas, as metodologias ativas e as abordagens artísticas têm sido lidas do nosso modo, por meio da arte como experiência articulada com a professoralidade, com a vivacidade de que artistas e professores presentes em ambientes acadêmicos necessitam.

Eu poderia ter feito um projeto pequeno, mas uma coisa é fato: sou uma professora muito mais disposta quando vejo o que o projeto se tornou, no quanto ele deixou de ser meu, para ser dos orientandos e de meus parceiros que acreditaram nos referenciais de pesquisa. Afinal, o Apotheke não é meu, é de fato de uma “Comunidade em Rede”, com vínculos próximos e aproximados, que geram outras possibilidades. No fim, com certeza, sou mais feliz! ■



Jociepe Lampert no Estúdio de Pintura Apotheke
Foto: Gustavo Henrique Gonçalves

Jociele Lampert é professora do Departamento de Artes Visuais (DAV) e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Udesc Ceart. Coordenadora do Estúdio de Pintura Apotheke.

Saiba mais

- apothekeestudiodepintura.com
- revistas.udesc.br/index.php/APOTHEKE
- padlet.com/apotekestudio
- instagram.com/revistaapothek
- youtube.com/EstúdiodePinturaApotheke

Apontamentos da arte africana e afro-brasileira contemporânea: políticas e poéticas

Livro da professora Célia Antonacci é um dos vencedores do 64º Prêmio Jabuti, que traz o reconhecimento de mais de uma década de pesquisas sobre o tema

Por Laís Campos Moser, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart



Livro aborda mais de 30 artistas contemporâneos. Foto: Laís Moser

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma de nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”. A frase, do famoso poeta Fernando Pessoa, é mencionada por Célia Maria Antonacci em seu mais recente livro: *Apontamentos da arte africana e afro-brasileira contemporânea: políticas e poéticas*. E é isso que ela pretende com a obra – abandonar a visão eurocêntrica e tecer uma nova perspectiva sobre a arte africana e afro-brasileira, fazendo uma travessia por meio das obras e da vida de artistas contemporâneos.

O livro, escrito pela professora do Centro de Artes, Design e Moda (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), esteve entre os 20 vencedores do 64º Prêmio Jabuti, ocupando a primeira posição da categoria Artes, no eixo *Não Ficção*. Uma conquista que se torna ainda mais notável diante do recorde de inscritos da edição: foram 4.290 livros inscritos, um aumento de 25% em relação à edição anterior.

O Jabuti é o prêmio literário mais tradicional no Brasil e referência no mercado editorial, concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) desde 1958.

Com 320 páginas, a obra é publicada pela editora *Invisíveis Produções*, com edição de Daniel Lima. No livro, Célia Antonacci dá voz a mais de 30 artistas contemporâneos, abordando suas obras e trajetórias, colocando perspectivas em diálogo a partir das políticas e poéticas de cada um.

Trajetória: um mergulho no tema da exclusão

A obra se entrelaça à trajetória profissional da professora, marcada por pesquisas sobre arte urbana, grafite, tatuagens e arte africana contemporânea. No mestrado, Célia pesquisou as manifestações urbanas dos grafites, e no doutorado, as tatuagens contemporâneas e as nazi-tatuagens como códigos de intolerâncias políticas e sociais.

Durante o doutorado ela passou um ano em Paris (entre 1998 e 1999) pesquisando as tatuagens realizadas nos campos de concentração. A partir de leituras, visitas a estes locais e conversas com ex-deportados, começou a mergulhar no tema da exclusão. “Quando eu começo a ler sobre essa questão da exclusão, eu vou também entender muito o quê é o racismo”, afirma. Logo em seguida, Célia viaja ao Senegal, na África, e começa a ter contato direto com a arte africana, refletindo sobre a importância dessas manifestações artísticas nos museus e no ensino de arte.



Cerimônia de entrega do Prêmio Jabuti. Foto: CBL/Divulgação

“Eu visitei e fiquei encantada, era um lugar excepcional. Com muita arte, com muitos artistas e todos com aquelas roupas lindas, fazendo quadros enormes e outros objetos, falando muito na questão da arte. Eu volto para o Brasil, já muito entusiasmada e pensando: ‘mas poxa, por que nós não estudamos essas artes? Onde estão essas artes?’ E isso para mim se tornou já, desde aquela época, um dever de pensarmos nessas artes e conseguir trazê-las para dentro da universidade”, conta a professora.

Cerca de 10 anos depois, em 2011 - e após mais uma viagem ao continente africano, dessa vez para Cabo Verde - Célia retorna para a França e inicia o pós-doutorado no Centro de Estudos do Mundo Africano (*Centre d' études des mondes africains - CEMAf*). E é naquele momento que começa a nascer o livro, em meio a uma intensa rotina de tardes e noites dedicadas a pesquisas, leituras, conversas com artistas, frequências a aulas, seminários, debates e exibições de filmes; e manhãs dedicadas a uma rotina de escrita.

Políticas e poéticas de mais de 30 artistas contemporâneos

No livro, podemos conhecer as obras e perspectivas de diversos artistas africanos a afro-brasileiros, como por exemplo Barthélémy Toguo, Djadji Diop, Ernest Mancoba, Arthur Bispo do Rosário, Priscila Rezende, Rosana Paulino, Sérgio Adriano, Sidney Amaral, Tiago Gualberto, além da artista afro-americana Renée Green.

“Vemos como todos esses artistas estão dentro das suas poéticas, trazendo as políticas que os oprimem, como é o caso, por exemplo, da Rosana Paulino, que traz esses trabalhos das mulheres, de bocas fechadas, olhos fechados, costurados, bocas que não podem falar, olhos que não podem ver, ouvidos que não podem ouvir. E outros tantos trabalhos que ela traz, mostrando também os azulejos coloniais que sangram”, comenta a professora.

Na capa, a escolha foi para a obra do artista plástico Arthur Bispo do Rosário. Mantido em instituições psiquiátricas por quase 50 anos, ele confecciona um manto a partir de um tapete de um desses locais, e borda o nome dos internos com os uniformes azuis usados por eles. “Quando eu vi esse trabalho, quando estava escrevendo sobre ele, nos veio a ideia de que esse manto seria a capa do livro. Porque de uma certa forma, este manto está abrigando todos os que estão dentro do livro, que são povos racializados, excluídos”, conta Célia.

E é aos artistas entrevistados que a autora atribui o prêmio: “É um prêmio coletivo. É a partir das obras, das poéticas que eles fazem com uma grande inserção política, e dessa disponibilidade com que me receberam e dialogaram comigo, que esse livro pôde surgir”, afirma.

Célia aborda, ainda, a questão dos museus coloniais e etnográficos, questiona o que os constituem e o (não) lugar da arte africana nos museus tradicionais. “Quais são as artes que se coloca lá [nos museus coloniais e etnográficos] e quais são as artes que se coloca nos museus de arte? Por que em alguns museus a arte africana entra como etnografia, como colonização, e nos outros museus entra Picasso, entra Braque, entra Modigliani?”, indaga a professora em conversa com a Hallceart.



Nas páginas do livro, obras de diversos artistas, entre eles Rosana Paulino (acima) e Arthur Bispo do Rosário (abaixo)
Fotos: Lais Moser

Novas travessias

Finalizado em 2021, o livro não pretende trazer um histórico da arte africana contemporânea, mas sim, segundo a professora, estabelecer reflexões de manifestações poéticas de povos escravizados e colonizados, a partir dos artistas abordados.

Para ela, fica o lamento de não ter incluído outros artistas na publicação: "Vou lamentar o resto da vida, tenho no livro muitos artistas, mas eu queria ter muito mais!", conta.

Neste sentido, a pesquisadora aponta novos caminhos que se abrem a partir da obra, para novas travessias: "O que mais me encanta nesse prêmio é que eu estou por conseguir o que eu sempre quis, que é a divulgação dessas obras, a polinização desses trabalhos, a discussão sobre o racismo, sobre as questões da negritude, da colonização e a integração dos povos. O livro não é um ponto final, mas é uma porta aberta para que outras pessoas se interessem e escrevam, e quem sabe muitas universidades começem a adotar nas suas disciplinas, nos seus conteúdos, nas suas políticas, a discussão sobre essas artes", pontua Célia Antonacci. ■

Professora na Udesc Ceart desde a década de 90, Célia Antonacci lecionou no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e aposentou-se em abril de 2022. Pesquisadora dos processos artísticos contemporâneos, realizou mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica na PUC-SP. Também é autora dos livros "Grafite, Pichação & Cia" (1993), "Teorias da Tatuagem, Corpo Tatulado: uma análise da loja Stoppa tatoo da Pedra" (2001) e "As nazi-tatuagens: inscrições ou injúrias no corpo humano?" (2006).

Saiba mais

 bit.ly/livro_celia_antonacci

 poeticascontemporaneas.com

 vimeo.com/celiaantonacci (conversas com os artistas)



1. Cerimônia do Prêmio Jabuti com os vencedores
2. Célia Antonacci na premiação. Fotos: CBL/Divulgação



Quimera – temporalidades transversas, de Jandira Lorenz

Exposição de inauguração da Galeria Jandira Lorenz, no Departamento de Artes Visuais da Udesc Ceart. Foto: Gustavo Henrique Gonçalves

portfolio



Quimera – temporalidades transversas, de Jandira Lorenz

Exposição de inauguração da Galeria Jandira Lorenz, no Departamento de Artes Visuais da Udesc Ceart. Foto: Gustavo Henrique Gonçalves



Série de pinturas e fotografias, de Rafael Geremias. Em primeiro plano, *O desejo como potência*, 2021

Exposição coletiva *Ferida Aberta* realizada na Galeria Jandira Lorenz, na Udesc Ceart. Curadoria: Silvana Macêdo. Foto: Laís Moser

portfolio



Corpo como coisa viva: matéria do mundo, de Nestor Varela, 2020

Exposição coletiva *Ferida Aberta* realizada na Galeria Jandira Lorenz, na Udesc Ceart. Curadoria: Silvana Macêdo. Foto: Lais Moser



em foco

Expositores dos cursos
Arte: Ana Villani

A identidade visual da Udesc Ceart: um projeto colaborativo

Por Anelise Zimmermann

Em 2022 foi lançada a última versão da identidade visual da Udesc Ceart. Anteriormente, chamado de Centro de Artes, o centro passou a se chamar Centro de Artes, Design e Moda, mantendo a sigla Ceart. A mudança na descrição da marca fez com que o projeto da identidade fosse retomado e ampliado. A versão anterior foi desenvolvida em 2011, pelos então estudantes do curso de design Camila Meyer e Marcus Vinícius Goulart Matos, sob orientação das professoras Anelise Zimmermann e Gabriela Botelho Mager, sendo ele parcialmente implementado, com aplicação da marca na fachada e sinalização das portas. A recente atualização, além incluir a mudança da descrição da marca, também teve a adição de novas versões, dando maior versatilidade aos usos, além da ampliação das aplicações, com o projeto de sinalização, criação de família de pictogramas e o desenvolvimento do Manual de Identidade Visual. O conceito que rege todo o projeto diz que “O Centro de Artes, Design e Moda da Udesc concentra expressões



Manual da Marca Udesc Ceart. Arte: Mariana Pinheiro

artísticas e criativas plurais, em constante transformação, e que convidam a comunidade a fazer parte de suas transformações e de sua história.” Assim, a marca, com pequenos segmentos a serem completados em suas letras, representa a constante renovação do Ceart, incorporando um pouco de cada pessoa que por ele passa e assim construindo a sua história, deixando sempre espaço para mudanças. Considerou-se a diversidade de públicos que frequentam a instituição, incluindo discentes, docentes, servidoras e servidores, visitantes e comunidade, bem como a pluralidade de manifestações artísticas que os espaços do centro comportam.

Para o desenvolvimento e à implementação do projeto, foi criada a Comissão de Identidade Visual e Sinalização do Ceart, composta pelos professores Anelise Zimmermann e Célio Teodorico dos Santos do Departamento de Design (DDE), pela diretora-geral, professora Daiane Dordete, pelo diretor administrativo, o técnico universitário Gustavo Pinto de Araújo, além da técnica Elâne Carin Hadlich e dos técnicos Milton Freitas Borges e Carlos Alberto Porfírio.

Discentes do Design que participam são: Luís Mortari, Mariana Pinheiro, Ana Clara Villani, Giovanna Nunes. O projeto também conta com a colaboração do Núcleo de Comunicação (NC) do Ceart e das designers egressas Camila Meyer e Fernanda Martins Gonçalves. Em cada etapa, o projeto tem sido apresentado e discutido nas reuniões do Conselho de Centro do Ceart (Conceart),

com a participação da representação de todos os departamentos e representações discente e técnica.

No design, precisamos trabalhar em conjunto com nossas usuárias e usuários, pensando também no público em geral, pois são essas pessoas que vivenciam os espaços e os serviços oferecidos pela instituição. Uma boa identidade visual, acima de tudo, deve se comunicar bem com as pessoas, auxiliá-las a encontrar as informações que precisam, de forma amigável, ao mesmo tempo passando confiança. Por outro lado, também, deve representar o conceito da instituição e prever uma ampla gama de formas de utilização, principalmente pensando-se em um Centro de Artes, com uma quantidade tão grande de manifestações artísticas e culturais. Por isso, é fundamental que esse tipo de projeto, representando toda uma instituição e a ser aplicado por um longo período, envolva profissionais e estudantes da área do design, que estudam a fundo as diversas possibilidades, aplicações e implicações que uma identidade visual desse porte pode ter.



Bolsistas do projeto. Foto: Anelise Zimmermann



Pictogramas aplicados
Arte: Mariana Pinheiro

Aspectos gráficos da nova identidade

Sobre aspectos gráficos da nova etapa da Identidade Visual, viu-se necessário definir tipografias, paleta cromática, modelos de peças gráficas e família de pictogramas.

Os pictogramas, desenvolvidos exclusivamente para o centro, incorporam características da marca, e representam a constante renovação. Já os elementos gráficos previstos para peças gráficas de comunicação e sinalização, como os arcos e círculos, e a paleta de cores, surgiram de elementos do espaço físico e arquitetura do próprio centro.

Especificamente sobre o projeto de sinalização, busca-se consolidar a marca da Udesc Ceart, ampliar

a maneira como se comunica e a sua disposição nos espaços, de forma objetiva, clara e inventiva, permitindo diversas formas de usos e combinações, sem sobrecarregar visualmente os espaços. Para o projeto, incluiu-se a sinalização para os corredores, reformulação das placas de identificação de portas, armários e chaveiros, projeto para fachada e banners internos e externos para identificação dos cursos. Parte do projeto já iniciou sua implementação, enquanto o projeto da sinalização das salas ainda está em fase de estudos, visto que se observou a necessidade da reestruturação geral de distribuição de sua numeração e identificação. Atualmente, essa numeração não segue uma sequência específica, o que dificulta a compreensão e acesso dos espaços, principalmente pelo público externo.



Pictogramas da nova identidade. Arte: Mariana Pinheiro



Exemplo de aplicações da nova marca da Udesc Ceart
Arte: Camila Meyer, Fernanda Gonçalves e Anelise Zimmermann

Agenda Ceart

E em parceria com o Núcleo de Comunicação do Ceart foi desenvolvida a agenda permanente do centro, com a aplicação da Identidade Visual.

O projeto foi desenvolvido pelas acadêmicas do design Fernanda Martins Gonçalves (agora egressa), Agnes Desirée Fiedler e Helena Correa, sob a orientação da professora Anelise Zimmermann e da técnica universitária, jornalista Heloíse Guesser, coordenadora do Núcleo de Comunicação. A agenda foi pensada para diversos usos, servindo tanto para anotações ou como sketchbook, para desenhos ou notações musicais.

Os projetos de sinalização e o da Agenda Ceart foram finalistas do 9º Prêmio Bornancini, prêmio nacional de design promovido pela Associação dos Profissionais em Design do Rio Grande do Sul (Apdesign).

Por fim, assim como o Centro de Artes, Design e Moda está em constante transformação, o projeto deverá ter ainda diversos desdobramentos nessa parceria do departamento de Design e diversos outros setores e profissionais, contando sempre com a colaboração de muitas pessoas que fazem do Ceart um espaço vibrante e plural. ■



Agenda Ceart. Arte: Fernanda Goçalves

Anelise Zimmermann é professora e Chefe de Departamento do Design (DDE) da Udesc.

Saiba Mais

YouTube: bit.ly/Ceart_Apresentacao-da-Identidade-Visual

YouTube: bit.ly/Sobre-O-Premio-Bornancini

Manual da Marca: udesc.br/ceart/comunicacao/marcaceart



Henry Castelar. Foto: Acervo pessoal

Henry Castelar

Por Heloíse Guesser, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Espírito de coletividade, prático [no que faz] e coração grande: assim que entendemos ser Henry Jerônimos Castelar, ao entrevistá-lo. Egresso do curso de Design Gráfico e atual mestrando do Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign) da Udesc Ceart. Com apenas 22 anos e com tanto a contribuir aos colegas, à sociedade e à universidade - a qual ele tem tanto orgulho de fazer parte-, Henry conta um pouco do seu trajeto e da vontade de seguir na vida acadêmica.

ping pong

Natural de Florianópolis, com mãe bibliotecária, sempre estudou em escola particular. Ao se deparar com a universidade pública, em 2018, encarou diferenças nunca antes vividas, inclusive em relação a sua cor de pele: negra. Assuntos dos quais ele levou para além do seu próprio aprendizado, mas também aos seus pares, especialmente quando teve a oportunidade de participar da criação do Núcleo de Diversidades, Direitos Humanos e Ações Afirmativas (Nudha) da Udesc Ceart. No Nudha, teve a oportunidade de ter sua maior experiência de projeto durante a graduação: o desenvolvimento da identidade visual, que finalizou com êxito. Sem contar na participação na Atlética Ceart, no Diretório Central dos Estudantes (DCE) e em ações que abraçou com muita vontade de mudar e lutar!

1. Hallceart: Henry, conta um pouco, como foi a tua escolha pelo curso de Design Gráfico na Udesc Ceart?

Eu sempre tive um envolvimento a mais com essa questão de audiovisual, principalmente no colégio. Quando chegou o terceirão, eu tava naquele misto de “o que é que eu vou fazer?”. Eu já tinha procurado pelo curso (Design da Udesc) e tinha visto que era bem conceituado, que dentre as notas do MEC, tinha nota máxima [...]. No fim eu tentei pra dois cursos, um na UFSC, Sistemas de Informação. Deu sorte que eu passei na Udesc! Foi a melhor escolha que eu fiz na minha vida! Desde então eu não me arrependi. Depois que eu entrei, eu gostei tanto daquilo que eu estava imerso. Foi quando eu comecei a querer a me aproximar, também, de outras questões dentro da universidade.



Henry no Nudha, em 2023, ao lado do banner com a identidade visual que ajudou a criar. Foto: Heloise Guesser



Henry na selfie tirada pela professora Anelise Zimmerman no *Parque das Profissões*, evento da Udesc, em 2019

2. Quais questões?

Mais a parte social, principalmente quando a gente fala da questão de devolver para a sociedade tudo o que a gente tá tendo oportunidade dentro de uma instituição pública. E querendo ou não são as pessoas que contribuem para que a gente possa estar ali.

Então, vem a vontade de saber um pouco mais: sobre o Centro Acadêmico, sobre a Atlética, até na própria estruturação do Nudha, [...]. Me deu interesse em participar, dentro do processo de estruturação, da identidade visual e tudo mais, e a partir disso, que eu fui criando, essa, posso dizer até, paixão platônica por essa universidade. Foi isso que me fez querer seguir a carreira acadêmica, e agora que eu estou no mestrado, dar essa continuidade e, ainda, participando dentro desses projetos [...].

Sublime, e o projeto que trazia pessoas de fora para falar sobre Design [...]. Depois eu entrei para a atlética, que era muito ligada ao Jiudesc, e a gente veio com a ideia “cara vamos trazer os jogos online, os jogos sedentários”, [...] outros tipos de esportes que as pessoas gostam e que não são valorizados.

Em 2019, participei da estruturação do Nudha. A partir de uma reunião, a gente foi falando de questões de racismo e inclusão dentro do Design e no Ceart, de uma maneira geral. Foi quando a gente viu a necessidade de criar uma “secretaria” e, a partir disso, fomos movimentando as ideias. Na época, o Hugo Horácio [Duarte] e eu ficamos com o projeto da identidade visual, como a gente era “os designers” dessa comissão, fomos responsáveis por essa área e assim a gente foi desenvolvendo.

Ainda em 2019, que foi um ano bem cheio, eu participei da comissão eleitoral que restituíu o DCE [Antonieta de Barros], que estava desligado há mais de 20 anos. A gente sabia que fazia sentido ter essa representação na Udesc. E foi uma experiência incrível!

3. De que forma você participou ou tem participado, desses movimentos?

Em 2019, eu entrei no CADU - Centro Acadêmico. Ali a gente conseguiu ofertar alguns eventos como a



Henry para a Atlética Ceart

4. E como você se sente ao olhar para trás? E atualmente, ainda faz parte desses grupos?

No fim, é tudo muito gratificante. Poder olhar e ver que de alguma forma, mesmo que pequena, saber que o Nudha está aí, e está tendo um papel bem proativo. O DCE se tornou uma participação estudantil que tem voz e a atlética, com novos movimentos que a gente ainda tá fazendo.

Atualmente, na atlética eu estou como uma espécie de conselheiro. Tudo o que eu tenho de informação que eu posso dar para eles. Com o centro acadêmico eu às vezes dou meus “pitacos”. Hoje, não tenho mais uma participação tão ativa quanto eu tinha antes. No mestrado, descobri que existe uma representação estudantil da Pós-Graduação em Design, então, eu estou querendo me envolver [...].



Henry no Laboratório de Desenho, na época da graduação
Foto: Acervo Pessoal/Henry Castelar

5. O que todo esse envolvimento trouxe para a tua vida pessoal?

Dentro desses projetos eu tive a chance de estourar um pouco da minha bolha, de quem vem de escola particular. Conhecer outras pessoas diferentes, com realidades diferentes, fez mudar o meu pensamento. Se eu fosse fazer uma autocritica do Henry de 2018, pro Henry de agora, com certeza eu via que tinham muitos aspectos que eu nem sabia que existia. Até questões minhas mesmo. De racismo estrutural, de termos e coisas que eu falava “Cara, como assim eu não enxergava isso e eu sou uma pessoa negra?”. Com certeza, ajudou sim nesse processo de maturidade.

6. E falando um pouco de pensar mais além: como que tu te enxegas no futuro?

O meu plano hoje é entrar na carreira acadêmica, virar professor universitário. Seria muito bom se eu conseguisse dentro da Udesc! Mas vamos ver, não sabemos (risos) [...]. A minha ideia é continuar com o mestrado e emendar o doutorado e continuar.

7. Você acha que a tua mãe como bibliotecária influenciou essa tua vontade de seguir na vida acadêmica e de sempre estar envolvido nas questões da universidade?

Com certeza, minha mãe, apesar de ser “só a bibliotecária”, em muitos momentos ela era vista, lá no colégio (o mesmo que estudei), como um ponto de apoio. Muitos iam lá para conversar com ela, os professores e tudo mais. Então, eu acho que em partes, essas minhas, não é bem manias, mas assim esse meu jeito de ser, do coletivo, do querer compartilhar, acho que veio muito dela, sim.

8. Falando para os demais estudantes, qual o recado que tu deixarias?

Eu diria para eles aproveitarem tudo ao máximo. Isso é uma coisa que eu até comentei quando participei do Parque das Profissões, ali da Udesc, que o Design Gráfico é uma área muito ampla, a gente tem muitas coisas: tem audiovisual, tem games, tem produto, tem uma diversidade de habilitações. E na faculdade, os professores têm o objetivo de te ensinar o básico e eles vão plantar uma sementinha de cada habilitação, então parte muito do interesse de cada um. [...]

Tentar aproveitar tudo ao máximo, não só do curso em si, dos professores, das disciplinas, mas também das outras coisas que a Udesc fornece. Como trabalhar dentro de um Cadu, dentro de uma Atlética. Não é só “vamos ali fazer um evento, vamos ali fazer um treino de vôlei”. É muito mais: é você poder compartilhar, é você poder ter esse crescimento. A gente tem o retorno, mesmo que não seja remunerado, dessa experiência e aprendizado. ■



Henry, em 2023, na Udesc Ceart, onde é estudante do PPGDesign Udesc. Foto: Heloíse Guesser



Henry Castelar (ao centro) com os amigos da Atlética Ceart
Foto: Acervo Atlética Udesc Ceart

brasileiras



BRASILEIRAS, de Bruna Costa Cim. Projeto desenvolvido como Projeto de Graduação em Design Gráfico

Orientadores: Prof. Maurício Dick, Profa. Gabriela Mager, Profa. Anelise Zimmermann e Prof. André Kaecher

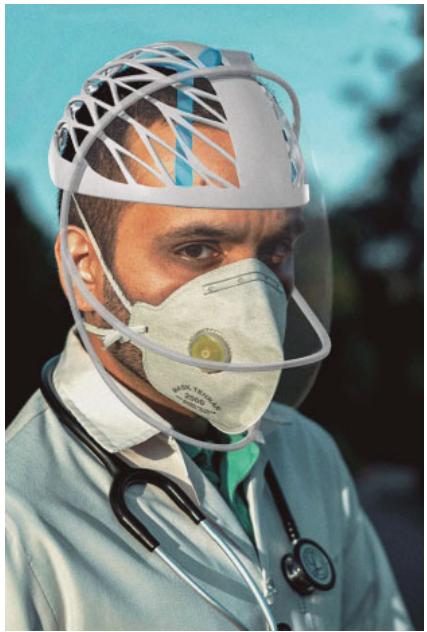
Brasileiras recebeu uma das medalhas de bronze do 12º Brasil Design Award (categoria Craft for Design - estudante), um dos mais importantes prêmios do design nacional. Foi premiado, também, no 9º Prêmio Bornancini de Design, com a prata na categoria Design Digital – Estudante (subcategoria Motion: Animações, Vídeos, Infográficos Animados).

portfolio



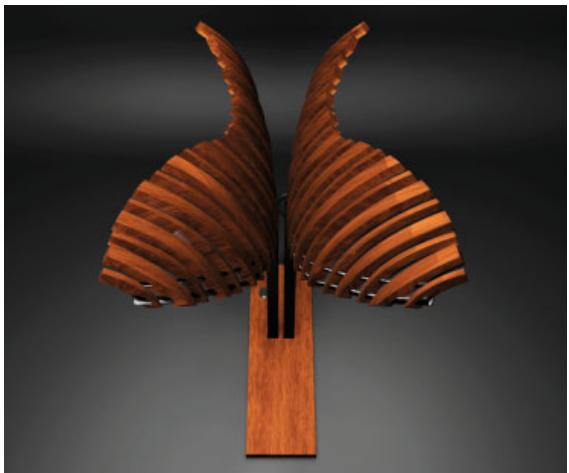
DAS SAÍDAS QUE MORAM NAS PALAVRAS: Caderno de atividades para mulheres que cumprem pena de privação de liberdade, de Fernanda Martins Gonçalves e Clara Sohn

Parceria dos Programas de Extensão “Pedagogia do Teatro e Processos de Criação” e “Entre Livros, Tipos e Desenhos”. Orientação do Projeto Gráfico: Profa. Anelise Zimmerann e Profa. Sara Copetti Klohn. Concepção da proposta, organização e redação: Prof. Vicente Concilio e Profa. Caroline Vetori. Projeto selecionado para a shortlist do 9º Prêmio Bornancini de Design.

**SOMA: Protetor Facial, de Karine Song e Maria Carolina Papst**

Projeto desenvolvido na disciplina de Prática Projetal em Design Industrial V. Orientadores: Profa. Fabiola Reinert e Prof. Elton Nickel. Soma foi premiado com o bronze no 9º Prêmio Bornancini de Design, na categoria Design de Produto – Estudante.

portfolio



UKAI, de Karine Song. Proposta de luminária multifuncional inspirada na pesca milenar japonesa chamada Ukai

Projeto desenvolvido na disciplina de Prática Projetual em Design Industrial VI. Orientador: Prof. Elton Nickel.

Premiado com o bronze no 9º Prêmio Bornancini de Design, na categoria Design de Produto – Estudante.



OCTA Fashion 11 realizado no Museu da Escola Catarinense
Foto: Laís Moser

OCTA Fashion

Evento que marca a conclusão do curso de Moda reinventa-se a partir da moda digital

Por Laís Campos Moser, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Das passarelas para as telas. E para o mundo. O Observatório de Tendências e Culturas Contemporâneas (OCTA Fashion) - evento que marca a conclusão do curso de Bacharelado em Moda da Udesc – teve sua 11^a edição realizada em março de 2023 em um formato completamente novo. Utilizando-se da modelagem digital em 3D, foi realizado em forma de exposição no Museu da Escola Catarinense (Mesc), no Centro de Florianópolis, apresentando os 38 novos profissionais formados pela universidade.

Na graduação, várias disciplinas preparam os estudantes para este momento, da 6^a até a 8^a fase do curso. Cada etapa é construída ao longo da jornada nas aulas de *Conceito e tema de coleção de moda autoral*, *Organização de evento de moda*, *Projeto de coleção*, *Desenho de coleção de moda*, *Laboratório de confecção*, *Laboratório de modelagem*, *Desenho de book digital*, e *Coordenação de evento de moda*.

A cada ano um tema é escolhido para guiar o desenvolvimento das coleções dos formandos. Nesta edição, “Ciclos” foi a escolha. Na conceituação, as transformações da natureza, as inquietações inerentes à condição humana, os desafios de cada tempo. “Os ciclos nos chamam para viver o caos e nele crescer, a observar as causas e os efeitos de pequenos atos que geram grandes modificações, a lidar com mais probabilidades do que certezas, a sentir os impulsos que abrem nossos olhos mesmo na inquietude, na estranheza, nos pesadelos ou no medo do sobrenatural, e mesmo assim, seguir”, é a sinopse da edição.



Coleção *Michi*, de Akina Daniela Baba. Arte: Divulgação



Coleção *Trânsitos*, de Vitória Bobsin. Arte: Divulgação

O processo criativo de uma coleção de moda

Diversas etapas compõem o processo criativo de uma coleção. Guiados pela proposta central, os estudantes desenvolvem então os conceitos de suas próprias coleções. A partir daí, são gerados painéis visuais que auxiliam na concepção do projeto e são definidas as cores, possibilidades de estampas, bordados ou outras aplicações, materiais etc.

Cada estudante desenvolve inicialmente 80 alternativas de *looks* em croquis. Na sequência, são selecionados 15 para testes, chegando aos dois *looks* finais para o OCTA Fashion. E então são realizados os desenhos artísticos e técnicos que darão corpo à coleção, com todo o detalhamento para a confecção, seja por meio da modelagem física ou digital.

Para criar sua coleção, Vitória Bobsin inspirou-se no livro *Tudo é Rio*, de Carla Madeira. “A coleção trabalha com essa ideia de que a gente passa por muitos rios, todos nós somos rios, mudamos, passamos por coisas e depois temos que lidar com isso”, afirma. Intitulada *Trânsitos*, a coleção reflete este conceito, por meio da padronagem criada que se assemelha à forma de um rio. A escolha das peças – moletom, calças e saias – também ressalta a ideia. “É uma coleção mais

urbana, mais confortável, bem *streetwear* para se sentir confortável passando por esses trânsitos todos de existir”, complementa Vitória.

Já Janielly Barbosa propõe com a coleção *Encontro* refletir sobre ancestralidade: “Ela aborda a jornada de uma pessoa que busca conhecer seus antepassados, entender sua origem, ter maior conhecimento de si e se libertar das amarras para seguir com a vida de forma mais leve. Com um novo olhar”, afirma. O conceito foi aplicado por meio de tecidos encorpados, nós, sobreposições, dobras e amarrações, “que abordam de forma tática o processo de evolução, suas ligações e as marcas que ficam em nós”, conta.

Para Akina Daniela Baba, a inspiração veio do Taoísmo - tradição filosófica e religiosa chinesa. Denominada *Michi*, que em japonês significa “caminho”, a coleção desenvolve-se a partir do pensamento do monge Thich Nhat Hanh: “Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho”. Segundo Akina, “a proposta final dos *looks* foi feita para apreciadores de uma vida equilibrada e livre de segregações, que optam por um consumo consciente, valorizando produtos confortáveis e funcionais”.

OCTA + museu + moda digital = um novo evento

Foi em 2021, em meio à pandemia de Covid-19 e diante da impossibilidade de realizar o evento presencial como era concebido até então - no formato de um desfile - que o OCTA adotou pela primeira vez a moda digital para apresentar as coleções, em um evento totalmente online.

Já em 2023, foi realizado pela primeiravez o formato expositivo, com as mudanças impulsionadas a partir da pandemia. Na exposição, as coleções de cada estudante podiam ser conferidas por um QR-Code e em vídeos no Mesc. Também foi distribuída a tradicional OCTAmag, revista que traz as coleções e conteúdos de Moda.

Em cartaz por um mês, a exposição ampliou o acesso aos trabalhos. Indo além, integrou a 9ª Maratona Cultural de Florianópolis. “Estamos muito felizes de ter ocupado esse espaço do Mesc, de estar no centro da cidade. Nos dias em que eu estive visitando, vi crianças, vi um público diferente do que normalmente a gente recebe num desfile de moda”, comenta a professora Amanda Queiroz Campos, coordenadora geral do evento.



Documentário do evento durante a exposição no Mesc
Foto: Lais Moser

Para Vitória, inclusive, um dos pontos altos foi a relação da turma com o museu, possibilitando novos aprendizados: “A gente nunca tinha falado sobre montar uma exposição, contar uma história na sala de um museu. Então o mais legal foi essa parte, entender como que a gente conta essa narrativa”, comenta. E para Janielly, estar neste espaço despertou a curiosidade pela curadoria de moda em museus, além da moda digital. Temas que ela pretende realizar cursos e se aprofundar.

A tecnologia de moda digital em 3D, transformando o evento do plano físico para o digital, também foi outra grande mudança incorporada ao OCTA, podendo alcançar, assim, um público ainda maior - nacional e internacional. “A moda digital eu achei que entrou nisso de uma forma bem legal, porque ela impressiona, as pessoas não sabem o que é, querem conhecer mais, então acho que o vídeo chamou muito a atenção no museu, tipo, ‘nossa, o que é isso?’”, conta Vitória.

As coleções foram transpostas para o meio digital pela designer de moda Giovanna Thereza, que atua internacionalmente na área. Ela recebeu as informações



Janielly Barbosa posa com a OCTAmag na página de sua coleção, *Encontro*. Foto: Lais Moser

de cada estudante, incluindo materiais, desenhos técnicos, croquis, e então transformou tudo para a realidade virtual por meio de um software de modelagem 3D.

Professores do curso de Moda orientaram o processo, e Janielly destaca os aprendizados com os docentes de costura e modelagem, Lucas da Rosa e Eliana Gonçalves. Ela conta que foi importante perceber o quanto os conhecimentos de modelagem plana e costura são necessários para conseguir transformar os croquis e desenhos técnicos nas peças digitais.

É o que também explica a professora Amanda em conversa com a Hallceart. Para ela, o novo contexto do OCTA trouxe novos desafios: “Essa experiência do aluno conseguir gerenciar a prototipagem do *look*, como isso também requer conhecimento da modelagem plana, de *moulage* [modelagem tridimensional], quais tecidos, quais materiais e acabamentos. Eles se depararam com vários desafios, não na execução direta, mas na coordenação do processo de realização”, afirma.

Desafio com o qual Janielly se deparou, e que a moda digital possibilitou maior liberdade no processo criativo. “Eu usei um tecido que é muito caro e que se eu tivesse confeccionado a peça física, teria que adaptar para um tecido mais barato e mais fácil de encontrar, também gastaria muito tempo para costurar as peças, então tive confiança para experimentar mais”, comenta.

Akina conta que a criação das coleções digitais era algo que os formandos estavam ansiosos para ver, aprender e vivenciar. “Essa oportunidade de realizar o OCTA foi muito emocionante. Pudemos aprender que na moda, e em outras áreas também, as possibilidades de criação são praticamente infinitas. E isso facilita a abertura de um campo enorme para a inovação”, completa.



Turma de formandos e a professora Amanda Queiroz Campos na abertura da exposição. Foto: Láis Moser

Olhar para o futuro

Pensando em perspectivas futuras, Amanda acredita em uma ponte entre as realidades física e digital. No documentário feito para o OCTA, ela diz “Acredito que a gente só consiga olhar para o futuro guiado pelo nosso passado. Então os próximos ciclos que o OCTA vir a assumir, ele trará uma interlocução entre o digital e o material, e especialmente mostrar a pessoalidade e a autoralidade dos nossos criadores nas coleções que eles desenvolvem”.

Atentos à realidade da moda digital, está em andamento a reforma curricular do curso de Moda da Udesc, que deve incluir este panorama. “Como as mudanças no mundo contemporâneo estão muito frequentes e constantes, automaticamente as práticas em sala de aula exigem estar conectado com essa realidade do tempo presente”, afirma o professor Lucas da Rosa, chefe do Departamento de Moda. ■

Saiba Mais

@octafashion

bit.ly/doc_octa11

bit.ly/colecoes_octa11



José Heitor da Silva posa com a coleção *Pipa*, semifinalista do concurso de moda “Sou de Algodão + Casa de Criadores”. Modelos: Luiza Souza, Andressa Carrascoza e Gregory Malaquias. Foto: Carolina Bonatelli

José Heitor da Silva

Egresso do curso de graduação em Moda e atual estudante no mestrado, ele conta sobre sua trajetória e sua relação com a universidade

Por Lídia Gabriella Rodrigues Miranda, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

José Heitor da Silva desde sempre foi um apaixonado pela moda, até que realizou seu sonho quando iniciou o curso em 2016. Formou-se na Udesc, sendo que sua coleção de formatura foi reconhecida nacionalmente ao ter chegado na semifinal do concurso de moda autoral “Sou de Algodão + Casa de Criadores”. Recentemente, ele entrou para o Mestrado Profissional em Design de Vestuário e Moda, do Programa de Pós-Graduação em Moda (PPGModa) do centro. Confira.

1. Hallceart: Como surgiu a sua relação com a moda?

A relação com a moda surgiu quando eu era criança, naquela época eu percebi que o vestuário poderia ser um agente de expressão e significado, aos poucos fui entendendo que eu poderia utilizar disso para mostrar às pessoas o meu lado criativo.

2. O que a moda desperta em você?

A moda é um jeito de eu me expressar criativamente, acredito muito que ela tem esse poder de criar diversas possibilidades na criação e no vestuário. É na moda que eu posso explorar minha criatividade e transmitir o que eu acredito como ser humano, mas também passar isso de uma forma ética.

3. Em 2021 você foi semifinalista do concurso de moda autoral Sou de Algodão + Casa de Criadores, com a coleção *Pipa*. Como foi participar do concurso?

Esse concurso que eu participei foi bem na pandemia, eu estava criando minha coleção de conclusão do curso para o Octa Fashion, e no meu ano teve que ser virtualmente. Mas eu acredito que a moda pode ser transmitida também fisicamente, então na pandemia eu decidi que mesmo que fosse digital [a coleção de formatura] eu queria fazer a minha coleção física. Tive a oportunidade de colocar esse trabalho no concurso, fui semifinalista, foi uma experiência muito enriquecedora e foi prazeroso ter participado do concurso. Na coleção, o objeto de inspiração [pipa] foi escolhido para mostrar o cotidiano brasileiro, do qual faz parte, e pelas infinitas possibilidades que a pipa traz ao ser construída e criada. Foram investigadas novas formas, volumes e silhuetas, a partir da pipa (objeto voador).

4. Quais mudanças de vida a Udesc te proporcionou?

Eu acredito que se você me fizesse essa entrevista em 2016 eu não teria aceitado, eu era tímido e não gostava de me comunicar. Hoje, eu consigo passar para as pessoas quem eu sou, então a Udesc foi



Coleção *Pipa*. Modelos: Gregory Malaquias, Andressa Carrascoza e Luiza Souza. Foto: Carolina Bonatelli

muito importante nesse sentido de eu conseguir me comunicar, de realizar intercâmbio na Suécia para estudar seis meses de Moda. Ter feito esse intercâmbio me enriqueceu muito, tanto a nível pessoal como profissional, minha visão profissional mudou totalmente. Muito por conta disso, eu estou fazendo mestrado, para continuar enriquecendo essa minha nova visão com moda, que é mais experimental, onde a gente pode explorar diversas possibilidades na hora de criar. Participei também da Inventório, empresa júnior de Design e Moda da Udesc Ceart, onde pude ter cargos de liderança e aprendi a liderar um time, a conversar com as pessoas, a trabalhar com moda e design.

5. Estudar no PPGModa já era um plano da sua vida?

Nunca pensei em fazer mestrado, comecei a pensar quando eu estava terminando a graduação, vi que o mestrado estava se tornando conhecido, conseguindo se estruturar e enxerguei ali uma possibilidade. Em dezembro de 2021 me formei e em janeiro eu já estava escrevendo meu pré-projeto para o mestrado, em agosto saiu a lista [dos selecionados]. Hoje, vejo que



Criação para o Estúdio José Heitor. Modelo: Gregory Malaquias. Foto: João Frederico da Silva

6. Como está sendo a experiência do mestrado no PPGModa?

Está sendo uma experiência surpreendente estudar no mesmo centro e praticamente com os mesmos professores, mas de uma forma totalmente diferente. Estou conhecendo os professores de uma maneira nova, eles estão passando para mim estudos e teorias que não tive na graduação, isso permite que eu conheça o curso do mestrado de uma forma totalmente diferente da graduação.

7. Recentemente, durante a pandemia, você criou uma marca própria. Poderia comentar sobre ela?

A marca se chama *Estúdio José Heitor*, e é uma marca de *upcycling*. Eu uso reaproveitamento de materiais para transformar essas peças e dar um valor maior e conseguir colocar elas numa economia circular e desenvolver isso para os consumidores e para a indústria da moda.

8. A marca é mais experimental ou comercial?

Ela está sendo mais experimental que comercial, por enquanto. Quando entrei no mestrado, eu percebi que ele seria minha maior prioridade, então a marca ficou agora no caráter experimental, onde eu consigo experimentar e desenvolver algumas peças mais autorais do que comerciais. Então hoje, está no sentido de não focar na saída de peças e sim de criar peças que possam agregar valor esteticamente e de forma autoral.

9. Você usa o “upcycling” como projeto de pesquisa do PPGModa?

O meu projeto de pesquisa também é focado por *upcycling*, nos processos criativos, então muito da minha experiência da marca que eu tive nesse um ano e meio me fez perceber que podia ser importante que eu conseguisse construir a minha identidade, o que eu acredito como processo criativo. E essa base que eu tive da marca, consigo hoje trazer para o mestrado. A marca me proporcionou experiências que eu consigo trazer para o mestrado e estudar sobre isso.

10. Quais são os planos para quando finalizar o mestrado?

Estou com as portas abertas. Não tenho, por enquanto, nenhum projeto além de acabar o mestrado da melhor maneira possível, e também conseguir conciliar a marca e o mestrado, fazer com que ela cresça um pouco. A única coisa que posso falar é que no meu projeto de vida, quero continuar trabalhando com processos criativos, trabalhando com as experimentações na moda, e que eu possa transmitir para as pessoas que a moda pode ser mais ética e sustentável, que a moda não é só comercial, mas também experimental, que a moda pode proporcionar para as pessoas um modo de se expressar.

11. Qual mensagem você quer deixar para aqueles que estão iniciando no curso de Moda da Udesc?

A mensagem que eu quero passar, principalmente para os alunos que pensam em fazer a graduação aqui no Ceart, é que refletem que aqui é uma das melhores universidades de Moda do País, ela é pública, ela é super importante. A mensagem que eu quero passar é que se expressem dentro do curso, que aproveitem

as oportunidades que a Udesc Ceart proporciona, tem empresas juniores aqui, onde você pode aprender sobre liderança. Aproveitem os professores, eles são incríveis e têm uma experiência vasta no projeto de pesquisa de cada pessoa, são super reconhecidos a nível nacional, então aproveitem isso para a experiência técnica de vocês. Mesmo sendo quatro anos, passa muito rápido, então aproveitar as experiências de estar aqui e vivenciar isso é a forma que vocês poderão enriquecer o que vocês são profissionalmente e pessoalmente. ■



Detalhe da Coleção *Pipa*. Foto: Carolina Bonatelli

**Editorial CICLOS / Observatório de Culturas e Tendências Antecipadas - OCTA Fashion 2022/2023**

As transformações da natureza; as inquietações da existência do ser; os desafios dos tempos: os ciclos nos chamam para viver o caos e nele crescer, a observar as causas e os efeitos de pequenos atos que geram grandes modificações, a lidar com mais probabilidades do que certezas, a sentir os impulsos que abrem nossos olhos mesmo na inquietude ou no medo do sobrenatural, e mesmo assim, seguir. Fotos: Carolina Bonatelli

portfolio



Editorial CICLOS / Observatório de Culturas e Tendências Antecipadas - OCTA Fashion 2022/2023

As transformações da natureza; as inquietações da existência do ser; os desafios dos tempos: os ciclos nos chamam para viver o caos e nele crescer, a observar as causas e os efeitos de pequenos atos que geram grandes modificações, a lidar com mais probabilidades do que certezas, a sentir os impulsos que abrem nossos olhos mesmo na inquietude ou no medo do sobrenatural, e mesmo assim, seguir. Fotos: Carolina Bonatelli

**Editorial ANCESTRALIDADE / Observatório de Culturas e Tendências Antecipadas - OCTA Fashion 2022/2023**

Ancestralidade é um fio de linha, é uma linha de memória, é a memória eterna, é a eterna existência, é a existência expandida. É se realizar por muitos, é a forma mais pura de comunidade, é a manutenção da integridade do tempo, que não se compõe apenas no agora, no tempo de muitas vidas. Ancestralidade é um fio que nos leva para trás e nos acompanha no caminho à frente. Fotos: Flávia Dummer

portfolio



Editorial CAOS / Observatório de Culturas e Tendências Antecipadas - OCTA Fashion 2022/2023

Caos, reflexo, cílico, abstrato, desordem, confusão e tudo aquilo que está em desequilíbrio. Uma pequena alteração ou mudança no início de um evento, transforma-se em acontecimentos imprevisíveis. Fotos: Carolina Bonatelli



Mestre Antônio conduz o plantio de uma pitangueira na Udesc
Foto: Lais Moser

Mestre Antônio de Bastião plantou
uma pitangueira e, em torno dela, as
gaitas sopraram bons ventos...

1º Encontro de Saberes da Udesc Ceart: Cartografia de flautas no território brasileiro

Por Valeria Fuser Bittar

Com a intenção de ampliar da formação dos estudantes de bacharelado e de licenciatura em Música da Udesc Ceart, como do público externo à universidade, o 1º *Encontro de Saberes*, aconteceu entre os dias 18 e 22 de novembro de 2022. Para a edição, foram realizadas oficinas de construção de instrumentos musicais e de performance com mestres da cultura popular da região Norte de Minas Gerais, trazendo suas expressões musicais, bem como palestra e um concerto didático.

As atividades expuseram duas “famílias” de instrumentos musicais fundamentais no ensino e no aprendizado da performance musical: os de sopro (flautas verticais e pífanos) e as percussões, visando promover o aprofundamento da experiência da performance, por meio do contato com a luteria popular tradicional e com as práticas musicais coletivas de tradições instrumentais presentes no território brasileiro.



Instrumento produzido durante a oficina de construção de instrumentos e participantes na prática ensinada no 1º Encontro de Saberes
Fotos: Laís Moser

Vieram como convidados, do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais (MG) os mestres Tião Chaves e Antônio de Bastião, além de Daniel de Lima Magalhães, flautista e etnomusicólogo de Belo Horizonte (MG).

Nos cinco dias de atividades foram construídas cerca de 150 gaitas (flautas verticais) e pífanos, três caixas e uma zabumba, amplamente utilizadas em várias manifestações populares tradicionais brasileiras e que assumem características específicas de acordo com as culturas musicais locais. As caixas foram construídas em troncos escavados. A ação resultou, também, numa zabumba. Parte dos instrumentos de sopro construídos foi doada para o *Laboratório de Instrumentos Históricos e Populares Tradicionais* da Udesc e ao curso de Música.

Ao final de cada dia, os participantes tinham contato com o repertório musical da região com as pequenas apresentações dos mestres. Conforme as gaitas, os pífanos, caixas e zabumba ficavam prontos, podiam também se integrar ao grupo para tocar.

Ao final dessa experiência intensa, alunos e alunas, guiados pelos mestres, fizeram um cortejo pelos jardins

do Ceart, soprando gaitas, pífanos e percutindo as caixas e a zabumba. O *Concerto Cortejo* denominado “Os toques das bandas de taquara do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais”, encerrou as atividades, e ensinou, acima de tudo, reverter à natureza o que ela nos deu para construirmos instrumentos de madeira. Mestre Antônio de Bastião plantou uma pitangueira e, em torno dela, as gaitas sopraram bons ventos...

Esse 1º Encontro de Saberes da Udesc traz como núcleo conceitual o diálogo acadêmico-científico com os saberes populares tradicionais, direcionando o ensino e o aprendizado nas veredas não coloniais, dentro do espectro de reconhecimento da profundidade dos saberes populares.

O evento foi possível graças ao Projeto de Apoio ao Ensino de Graduação (Prapeg) da Udesc Ceart, que disponibilizou todo o material utilizado.

Teve suas bases no projeto de pesquisa *Músicos, música e instrumentos: investigação da performance na música histórica e na música popular tradicional*, que traz como uma das suas ações a construção de uma cartografia de flautas no território brasileiro.



Concerto nos arredores da Udesc Ceart finalizou as atividades e participantes puderam utilizar os instrumentos produzidos durante o encontro. Fotos: Laís Moser

Cartografia de Flautas

Logo após as oficinas, foi publicada a *Cartografia de Flautas do Território Brasileiro*, no meio digital: em um site e um canal do YouTube. Ambos foram denominados como *NHUMBIÁ*.

O projeto teve apoio do *Edital Campus de Cultura* da Udesc e éfruto das ações do programa de extensão *Flauta Doce: performance e formação e do Laboratório de Instrumentos Históricos e Tradicionais Populares*, da Udesc. Ações coordenadas pela professora, do Departamento de Música (DMU), e flautista Valeria Bittar.

Projeto de Pesquisa

O projeto de pesquisa *Músicos, música e instrumentos: investigação da performance na música histórica e na música popular tradicional* investiga caminhos trilhados pelos fazedores, os performadores artistas destas tradições, tanto com relação à ação em si, quanto às

múltiplas ferramentas que dão forma às ações e questões referentes ao “como” fazer o feito – técnica.

Por meio dele é que se deu o passo de elaborar a *Cartografia de Flautas no Território Brasileiro – aerofones no Brasil: seus agentes, seus instrumentos e suas músicas*. A divulgação pretende trazer informações que possam servir de apoio a professores e estudantes (âmbito escolar e universitário), junto ao ensino e ao aprendizado da performance dos instrumentos de sopro, de maneira geral, e às flautas, especificamente.

Num primeiro momento, buscou-se mapear as flautas longitudinais de bloco, suas características, especificidades e ocorrências no território brasileiro. Para isso, foi feito um levantamento de trabalhos acadêmicos sobre os sopros no Brasil e, a partir dessas pesquisas, foram levantadas informações sobre o tamanho das flautas, afinações, número de furos, materiais empregados na construção, assim como as características dos grupos musicais e manifestações culturais, aos quais as flautas estão associadas.

As flautas pelo Brasil e algumas características

As flautas que compõem a *Banda de Pifano*, ou *Zabumba*, ou *Esquenta Muié*, por exemplo, estão presentes no interior dos estados nordestinos, no norte de Minas e no norte de Goiás. Ao norte da Bahia, como também no sudoeste do Sertão Baiano, o conjunto instrumental é formado por duas flautas longitudinais de bloco, chamadas de *gaita*, *canudo*, *pife* ou *pífano*, uma *zabumba* e uma *caixa*. Originalmente, as gaitas dessa região eram construídas com o bambu do tipo *taboca*, mas atualmente são feitas de PVC.

As flautas que compõem a dança dramática chamada *Caboclinho*, são encontradas no Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, sendo este onde se encontra, uma maior incidência dos grupos. Atualmente, as flautas são feitas de cano de alumínio, de latão e outras ligas metálicas, ou de PVC. Os tamanhos, afinações e número de furos variam.

Ao norte de Minas Gerais, na região próxima ao Vale do Rio Jequitinhonha são encontrados os *canudos*, flauta longitudinal de bloco que compõe o grupo musical chamado de *marujada* ou *banda de taquara*. Os canudos, originalmente eram feitos de taquara, hoje são feitos de metal ou PVC. Para o *bloco*, ou *birro*, utiliza-se cera de abelha na modelagem do duto de ar.

No site e no canal de YouTube *NHUMBIÁ* estão disponíveis vídeo-aulas de pesquisadores que se debruçaram sobre as flautas no Brasil. ■

Saiba Mais

► /@nhumbia_cartografia_flautas

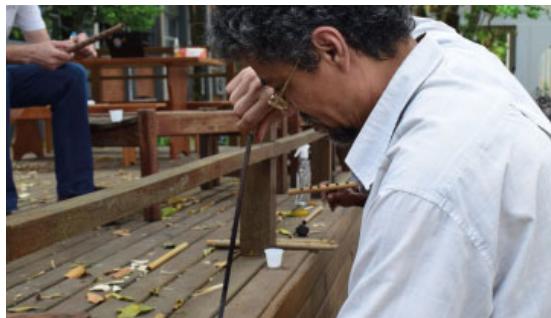
🌐 bit.ly/nhumbiaflautas



Instrumentos produzidos durante o encontro. Foto: Laís Moser



Mestre Tião Chaves. Foto: Laís Moser



Daniel de Lima Magalhães. Foto: Laís Moser

Valeria Bittar é professora do Departamento de Música (DMU) da Udesc e coordenadora do programa de extensão Flauta Doce: performance e formação.



Na foto, Rodrigo Moreira em cena

Foto: Stefano Maccarini

Rodrigo Moreira: música, performance e produção cultural

Graduado e mestre em Música pela Udesc, ele está à frente da produção cultural do Ceart e conta sua trajetória, o trabalho na universidade e a participação no Entrevero Instrumental

Por Laís Campos Moser, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

1. Hallceart: Há quanto tempo você trabalha na Udesc e por quais setores já passou?

Trabalho na Udesc desde 2010, como professor colaborador do Departamento de Música, e como Técnico Universitário em Educação do Ceart desde 2014. Como técnico, iniciei no Programa de Pós-Graduação em Música. Em seguida, atuei na Secretaria Acadêmica de Pós-Graduação, que esteve sob minha coordenação entre setembro de 2017 e novembro de 2021. Em seguida fui convidado pela diretora-geral do Ceart, Daiane Dordete, para atuar no Núcleo de Produção Cultural.

2. Você está à frente do Núcleo de Produção Cultural (NPC) do Ceart, que dá suporte a eventos no Centro. Como solicitar apoio e quais serviços o setor oferece?

O NPC tem a finalidade de atender e apoiar a comunidade interna na realização dos eventos do Centro. Trabalha junto à Direção Geral, dando apoio logístico e operacional às atividades do calendário acadêmico, e faz a interface entre a universidade e parceiros externos com intuito de criar um bom relacionamento com a comunidade. Nesse momento nossa equipe é formada pelos acadêmicos Humberto Böck Fagundes, Eduarda Ribeiro Leite e Rafael

Pedro da Costa. A comunidade pode solicitar apoio pelo e-mail producaocultural.ceart@udesc.br ou pelo Whatsapp (48) 3664-8355. É possível encontrar mais informações na página www.udesc.br/ceart/producaocultural

3. O Ceart é um grande realizador de eventos, na área artística, cultural e acadêmica. Como tem sido a experiência de estar à frente do NPC?

Minha formação é na área artística, sou licenciado e mestre em música pelo Ceart, com especialização em jazz e música moderna pelo Conservatório del Liceu de Barcelona. Portanto, é estimulante estar nos bastidores das produções artísticas e culturais do centro. Tem sido bacana trocar experiência com pessoas que produzem arte aqui. O NPC tem muitos desafios, mas creio que 2023 será um ano interessante para nossa equipe.

O ano de 2022 foi de muitas adaptações, tanto pela volta ao ensino e trabalho presencial, quanto por ser o primeiro ano de atuação neste setor. Foi um ano decisivo para a ampliação de nossa estrutura, em equipamentos e pessoal. A nova estrutura certamente possibilitará atender à comunidade com mais qualidade e proporcionará melhores condições de trabalho para a equipe. Ainda assim, pessoas são muito bem-vindas para somar e pretendemos coordenar algumas ações pedagógicas em parcerias com outros setores, departamentos e programas para capacitar a comunidade nas várias frentes da produção cultural.

4. Além de técnico você também atuou como professor colaborador no DMU. Como foi vivenciar a sala de aula? Tens vontade de voltar à docência?



Equipe do Núcleo de Produção Cultural: Rafael, Humberto, Eduarda e Rodrigo. Foto: Laís Moser

Minha relação com o ensino começou na adolescência, dava aulas particulares de matemática, física e química para alunos do ensino médio e fundamental. Essa facilidade com as exatas me direcionou à engenharia, que logo abandonei para cursar Música. Foi um início errante na vida acadêmica, passei por três universidades (Unifei, Unicamp e UFSC) até chegar na Udesc. Já envovido com a graduação em música, dava aulas particulares de violão e baixo elétrico, atuei em algumas escolas de música e num projeto que ensinava percussão para crianças em situação de risco social. Essas experiências com o ensino e ótimas referências de professores/as que até hoje me inspiram influenciaram minha atuação como professor colaborador.

O ensino superior me despertava grande interesse pela possibilidade de me aprofundar nos conteúdos, na pesquisa, e trocar informações com pessoas que geralmente já atuavam na área. No DMU ministrei disciplinas de *História da Música, História da Música Popular, Acústica Musical, Musicologia, Introdução à Musicologia e Etnomusicologia* e Prática de Conjunto. Foi um período de muito estudo. A Prática de Conjunto foi minha disciplina favorita, que gostaria de ter tido enquanto aluno de graduação, já que não fazia parte do currículo, certamente uma grande conquista para a Licenciatura em Música da Udesc.



Rodrigo Moreira na produção do Ceart Aberto. Foto: Heloíse Guesser

Esse tempo atuando como professor foi marcante em muitos aspectos, por toda leitura e encontros que me proporcionou. Apesar de ter sido um momento significativo, não está em meus planos retornar a esta atividade. A principal motivação pessoal hoje é conciliar e criar mais espaço para a prática musical em relação às demais atividades que desempenho.

5. No mestrado você estudou um gênero musical que é típico do litoral catarinense - a *Ratoeira* - trazido pelos açorianos. A pesquisa virou livro! Quais foram as principais descobertas?

A *Ratoeira* foi tema de meu TCC e dissertação de mestrado, ambos orientados pelo professor Acácio Piedade.

A dissertação foi defendida em 2009 e adaptada para ser publicada como livro em 2011, por meio de um edital do Ceart para apoio a publicações acadêmicas.

No livro, mostro que o universo da *Ratoeira* está atualmente ligado a mulheres idosas. Abordo a identidade cultural das praticantes, evidenciando a influência da colonização açoriana e o papel de algumas políticas públicas para utilizar o folclore enquanto ativo no desenvolvimento do turismo do litoral catarinense. O trabalho discute a relação entre essa prática musical e a manutenção da identidade cultural local, e reflete sobre a influência das transformações sociais das últimas décadas na prática da *Ratoeira*.

6. E sobre sua relação com a música... Desde quando ela está presente na sua vida?

A relação com a música vem de família, muitos tocam algum instrumento de maneira amadora. Meu interesse surgiu na adolescência quando comecei a tocar violão. Nesse período, aprendi observando (ouvindo), não tive acesso ao ensino formal de música. Sem ter uma referência próxima de músico profissional, era difícil entender por onde e como começar. Além disso, me refiro a uma era antes da internet, quando o acesso a materiais era bem mais restrito. Havia um grande receio por parte da família sobre investir nessa carreira. Creio que minha história não seja um caso isolado e reflete a maneira como parte de nossa sociedade enxerga e trata a área da cultura.

Quando ingressei na licenciatura finalmente pude me concentrar no estudo da música. Em seguida fiz uma especialização em jazz e música moderna em Barcelona com bolsa da Fundación Carolina. Logo depois conclui o mestrado em Música.



Grupo *Entrevero Musical*. Arte: Divulgação



Capas do livro *Ratoeira* e do álbum *Incurso*. Foto: Laís Moser
Arte CD: Divulgação

7. Desde quando você integra o grupo *Entrevero Instrumental*, como baixista e compositor?

O *Entrevero Instrumental* surgiu em 2010, desde então atuo como baixista e compositor. É um trabalho de música instrumental autoral com influências do jazz, da música latino americana, do nativismo e da música experimental contemporânea.

O grupo atualmente é composto por mim no baixo elétrico, Arthur Boscato no violão de sete cordas, Gustavo Almeida no acordeom, Jota P. Barbosa no saxofone e Filipe Maliska na bateria. Desde o início estamos Arthur, Filipe e eu.

8. Vocês já receberam prêmios e realizaram turnê pelo Brasil e por outros países, tendo se apresentado em um importante clube de jazz, o Hotclube de Portugal. Como tem sido a experiência? Quais as perspectivas futuras?

Tem sido gratificante poder circular com esse trabalho autoral por todos esses lugares. Parte expressiva da trajetória foi viabilizada por editais de incentivo à cultura, além de algum apoio de empresas privadas e investimento particular dos integrantes.

Em 2019 havíamos recém-lançado o disco *Incurso*, fruto de uma residência artística em Portugal. Tínhamos grande expectativa em circular com esse trabalho, entretanto, veio a pandemia.

Havíamos recém sido contemplados pelo Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura para gravar uma apresentação do disco em formato audiovisual. Em função dos protocolos sanitários só foi possível realizar no segundo semestre de 2021.

Em 2022 voltamos a circular por dez cidades de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura. Em março de 2023 estivemos na *Maratona Cultural*, em Florianópolis. O grupo, portanto, segue engajado e na ativa.

A reestruturação do Ministério da Cultura traz expectativa sobre a ampliação de políticas públicas que viabilizam a continuidade de projetos artísticos como o *Entrevero Instrumental*. ■

Saiba Mais

🌐 www.udesc.br/ceart/producaocultural

🌐 www.entreveroinstrumental.com



Espetáculo Era do Rádio: do MPB ao Rock

Apresentações em novembro de 2022 marcaram o aniversário de 25 anos da Rádio Udesc FM. Foto: Renan Leopardi

portfolio



Duo A Corda em Si (Mateus Costa e Fernanda Rosa) e Orquestra Acadêmica Udesc

Apresentação em homenagem pelo Dia do Servidor Público, na Udesc Ceart. Fotos: Heloíse Guesser



Apresentação do grupo La Pompette no Parque das Profissões

Da esquerda para a direita, Fernando Morschheiter, Leonardo Aquino e Fernando Caramori.

Foto: Gustavo Henrique Gonçalves

portfolio



Quarteto de Cordas da Udesc

Da esquerda para a direita, Israel Dutra, Cindy Ferreira, Gabriel Niebuhr e Lucas Ropelato. Coordenação do professor Hans Twitchel.

Foto: Gustavo Henrique Gonçalves



Alunos da Udesc Ceart em cena com *Voo Duplo*
Foto: Ariel Gaboro

Voltar a atuar: fazer teatro depois do ZOOM

Por André Carreira

A eclosão da pandemia da Covid-19 implicou que a principal medida sanitária de emergência fosse o confinamento, que nos obrigou a viver uma experiência de vida inusitada. Limitadas ao espaço de suas residências, as pessoas começaram a buscar alternativas para superar o isolamento. As varandas e janelas dos apartamentos, mas principalmente, as telas dos computadores e dos celulares foram os únicos meios para encontrar modos de ser solidárias e estarem em contato com os outros. Finalmente, para nós artistas, docentes e discentes estes meios se afirmaram como espaços de criação.

As práticas de ensino remoto no teatro fizeram que algumas pessoas as considerassem uma invenção de algo novo. Mas o uso das ferramentas digitais não implicou necessariamente no aparecimento de novas performatividades. Foi preciso questionar se estávamos transformando o teatro ou se, na realidade, foi apenas pausa tática, antes de que voltássemos a disputar formas de estar com outras pessoas compartilhando espaços comuns. Nas aulas remotas buscamos modos de nos encontrarmos e de produzir criativamente, e vivemos modos de resistir à uma conjuntura bastante adversa.

O desafio foi produzir proximidade, a matéria do teatro, e continuar explorando aquilo que nos parece natural, mas estávamos submetidas a uma situação extrema para a qual ninguém estava realmente preparado/a. Não passamos ilesas por esta experiência, experimentamos modos híbridos, multifacetados, flexibilizando nossa forma de pensar o teatro, a atuação e nossas práticas de ensino.

Realizamos essa experiência vivendo as incertezas da vacinação e da política sanitária no país com suas mais de 650 mil mortes, e oferecendo/assistindo aulas, exclusivamente, pelos modos remotos.

Logo, depois de dois anos, voltar às salas de aula presenciais representou um novo desafio para o qual também não estávamos preparados nem docentes, técnicos/as ou estudantes. Tivemos que descobrir juntas como proceder sem nunca ter experimentado tarefa semelhante.

As formas com as quais atuamos no primeiro semestre de 2022 para retomar as atividades presenciais se alimentaram, sobretudo, do enorme desejo de voltar a estar em sala de aula, criando e reinventando os cursos e a universidade. Um elemento fundamental dessa difícil experiência mundial foi o isolamento, a incerteza e o medo.

O enfrentamento de uma pandemia demanda conhecimento e solidariedade, mas mesmo que tudo isso esteja disponível, e que a sociedade participe ativamente de uma rede de cuidados mútuos, o isolamento e o medo afetam de forma substancial a vida cotidiana. Esse é, definitivamente, o elemento que marca nossa experiência da retomada das aulas e de todo processo da universidade, porque

atualmente vivemos as repercussões dos traumas que a pandemia deixou.

As medidas adotadas pelo Plano de Contingenciamento (Plancon) do Ceart favoreceram um retorno ordenado e estimularam o diálogo mútuo fundado na ideia do cuidado recíproco. No entanto, nas salas de aula do Departamento de Artes Cênicas o uso da máscara e a necessidade de manter uma relativa distância física, demandaram um esforço extra para encontrar modos de trabalho nas disciplinas práticas que envolvem o corpo e o contato.

Para compreender essa complexa situação não podemos esquecer que o corpo docente e discente levava dois anos se vendo por meio de pequenas telas dos aplicativos de telecomunicação. Muitos de nossos/as estudantes nunca tinham se visto pessoalmente, até março de 2022, e de repente estavam em sala, trabalhando em conteúdos que já não pertenciam às disciplinas do primeiro semestre do curso. Isso demandou que professores adaptassem nas aulas, os processos de reintrodução de relações interpessoais, mas limitados pelas faces cortadas pelas máscaras, pela limitação das proximidades entre os corpos, e pelo inevitável temor dos contágios.

A pandemia não terminou e voltamos para as aulas de atuação, dança e improvisação. As aulas ainda eram zonas de risco o que repercutiu em um estado de tensão, com situações de estresse e angústia. A consequência imediata foi privilegiar o relacional sobre os conteúdos técnicos. Foi mais importante reconstruir os espaços de trabalho, a confiança e o prazer de estar criando e aprendendo, antes de estabelecer parâmetros e metas relacionados com os conteúdos dos programas e planos de ensino.



Apresentação *Sufoco*, disciplina de Direção Teatral II, em 2022 Foto: Ariel Gaboro

Um exemplo, que faz evidente a complexidade da situação, foi a dificuldade de reconhecimento de cada estudante devido ao uso das máscaras. Não foram poucos os e as docentes que levaram as turmas para o exterior para, quando foi possível propor a retirada momentânea das máscaras, poder ver os rostos e criar uma maior aproximação entre professor/a e aluno/a.

Devemos nos recordar que durante as aulas remotas não eram poucos os/as discentes que não abriam as câmeras, seja por uma razão técnica como sinal deficiente de internet, ou por motivos sociais.

Durante o período do ensino remoto a comunidade acadêmica já vinha realizando um esforço tremendo de manutenção das atividades, compreendendo a importância dos cuidados sanitários e da preservação do espaço de ensino, pesquisa e extensão.

O primeiro semestre de aulas presenciais foi, portanto, um período de incertezas e de reconstrução de

vínculos. Neste sentido, o fazer cênico representou uma ferramenta poderosa para reafirmar as práticas criativas baseadas na convivência e na proximidade.

As experiências telemáticas foram uma alternativa útil e permitiram a continuidade do trabalho da universidade, mas voltar mostrou a potência do corpo e das relações não mediadas pela tecnologia.

Ainda que a experiência durante a pandemia tenha imposto a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre a natureza das práticas cênicas realizadas com suporte das mídias eletrônicas e dos espaços virtuais, o contraste é um elemento que destaca a natureza presencial do fenômeno cênico como modalidade criativa que tem nas tensões entre os corpos sua matéria e radicalidade.

Coachs e palestrantes motivacionais gostam de dizer que a palavra chinesa para “crise” é formada por dois ideogramas que representam “risco” e “oportunidade”,



Bastidores de *Entre Nós's*, apresentação da disciplina de Direção Teatral II. Foto: Ariel Gaboro

respectivamente, logo, “toda crise seria também uma oportunidade”. Esse discurso que pretende animar as pessoas a seguir em frente, apesar das dificuldades, quase sempre só repete o mantra empresarial que sabe que, quando muitos perdem, alguns poucos ganham muito. A crise nunca é um bom sinal para os artistas, apesar de que podemos aprender nela, podemos criar nela. Nessa crise, tratamos de inventar e de resistir.

As condições da pandemia nos obrigaram a experimentar o ambiente virtual, mas a volta nos mostrou como a presença e o compartilhamento dos espaços é vital para seguirmos fazendo teatro como arte baseada na intensidade do vínculo entre quem cria e quem assiste.

Estabelecer redes criativas e afetivas foi algo fundamental que nos ajudou a perceber como a arte só existe em diálogo dinâmico com a vida. Estar nas salas da Udesc Ceart renovou o compromisso com o ensino e a experimentação no mundo do teatro. ■

“O fazer cênico representou uma ferramenta poderosa para reafirmar as práticas criativas baseadas na convivência e na proximidade”

André Carrera é graduado em Licenciatura em Educação Artística (Artes Plásticas) pela Universidade de Brasília (UNB) e doutor em Teatro pela Universidad de Buenos Aires. É professor no Departamento de Artes Cênicas (DAC), no Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES) e no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Udesc Ceart.



A palhaça Curalina, personagem de Drica Santos. Foto: Chris Mayer

Drica Santos: trajetórias da negraturiz e professora

Por Luis Ricardo Pires, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

A atriz e pesquisadora Adriana Santos, ou Drica, como é mais conhecida, tem um grande percurso dentro da Udesc, onde passou pela graduação, pós-graduação e chegou ao cargo de professora substituta. Com foco na pesquisa sobre a sua própria negritude em cena, traz às Artes da Cena uma vasta contribuição, que quebra paradigmas, ou ajuda a quebrar, e que com certeza serve de inspiração.

1. Hallceart: Você se formou em Artes Cênicas e fez mestrado e doutorado em Teatro na Udesc, além de atuar como professora. Qual o significado dessa trajetória para você?

Ter toda minha formação acadêmica na Udesc, gerou a mim um forte vínculo com essa comunidade. Nessa trajetória, percebo as transformações da instituição, do curso e dos paradigmas, e o quanto esse espaço vem me acolhendo desde a graduação. Acredito que ainda há muito a transformar e melhorar, mas vejo que algo caminhou com relação às condições, tanto de ingresso quanto de oportunidade e acolhimento, para estudantes negras/os na instituição.

Essa trajetória é muito significativa para mim, pois acompanhou meu crescimento como pessoa, ampliando minha visão de mundo e percepção sobre mim mesma, além de ter me feito descobrir minha potência de ação no mundo: que é ser professora e ser artista.

2. No mestrado e doutorado você pesquisou o tema da negritude no Teatro. Poderias comentar um pouco sobre as pesquisas?

Desde a graduação, quando fui convidada para atuar nos exercícios cênicos das disciplinas, me incomodava o fato de ser convidada para atuar em papéis subalternos e estereotipados pelo fato de eu ser negra [...].

A partir de questionamentos, fui me entendendo cada vez mais com relação ao contexto de racialização que o racismo nos impõe e de como isso atravessa, ou implica, no “estar em cena”.

Na graduação, eu era bolsista do grupo de pesquisa sobre *Teatro de Grupo e Procedimentos Artísticos Cênicos* (AQIS), comecei a aliar essa pesquisa focando na experiência de artistas negros em cena. Portanto, no mestrado busquei elencar e refletir sobre a experiência de artistas negros no contexto de Teatro de Grupo, em diferentes regiões do Brasil.

Já no doutorado, aprofundei esse estudo sobre os atravessamentos das questões raciais na cena, me colocando como lugar de estudo, numa espécie de auto-ethnografia cênica. Abordei algumas experiências práticas significativas que fizeram emergir dilemas e potências com relação ao fato de eu ser uma “negraturiz”.

O neologismo da palavra é justamente para provocar o olhar ao lugar inevitável que o racismo (ainda) nos coloca; pois a mim (ainda) não é possível apenas ser atriz; devido ao contexto de racialização. A negra vem antes da atriz.

3. Como surgiu a Palhaça Curalina?

Desde a graduação a “pulguinha” cômica me picou e gostava de palhaçaria; mas tive poucas experiências durante a faculdade. Fui mergulhar na palhaçaria a partir de 2010. Fiz vivências com a *Traço Cia*, Tiche Vianna, e em 2012 conheci a Karla Concá do grupo *As Marias da Graça* - RJ, em uma oficina.



Dríca Santos no DAC, em março de 2023, para a Hallceart
Foto: Heloíse Gueser



Drica Santos em cena com Curalina. Foto: Chris Mayer

Fui contemplada com um prêmio Funarte e fui fazer residência com elas em 2013, quando a Curalina tomou sua existência de modo mais consistente. O processo foi intenso. Houve muito acolhimento e redescobertas de minhas ancestralidades enquanto mulher negra. Desde então, a Curalina, além deste trabalho com contação, também trabalha como palhaça no hospital.

Fui convidada para participar do projeto *Agentes do Riso*, coordenado pela Cia. Traço, em 2014. Curalina participa, também, de movimentos de mulheres palhaças como a Rede Catarina de Palhaças. Já apresentei em diversos encontros, o que fez com que me empoderasse, aprendesse e aprofundasse de modo significativo meu trabalho. Paralelo a isso, eu já vinha pesquisando o corpo negro na cena, negritude, teatro negro, representatividade negra, de(s)colonização. Esse lugar é um eixo de pesquisa e reflexão do trabalho enquanto palhaça negra.. Hoje, desbravo esse território em refletir sobre a comicidade negra, a palhaça negra e o riso antirracista.

4. Por que a palhaçaria é tão importante para o mundo?

A palhaçaria é a linguagem da liberdade, do se compreender e acolher suas sombras e assim buscar autoconhecimento; e com o riso transformar a si e seu entorno. Karla Concá, minha ‘mãelhaça’, sempre diz: “Quem se autoconhece, não enche o saco dos outros” (risos). E é isso, quando a gente acolhe nossos próprios dilemas, não projetamos nas outras pessoas nossas frustrações. Então, o riso na palhaçaria é (ou pelo menos deveria ser) para nos humanizar... O riso é para causar empatia/comunhão/compaixão e não para ser de escárnio e de opressão às pessoas diferentes de você.

5. Quais são os próximos passos que a palhaça Curalina pretende dar?

Em 2023, faz 10 anos da estreia da Palhaça. A ideia é celebrar com um novo trabalho que está a caminho. Busco expandir minha pesquisa na criação de um novo espetáculo a partir de três linguagens: a contação de histórias, a palhaçaria e o audiovisual. O ponto de partida para esta criação será a Curalina ir à procura das histórias de Rainhas Pretas, pois quando pensamos em alguma rainha, qual lhe vem à mente? Geralmente imagens de rainhas brancas e europeias...

A ideia é ir à busca de histórias de mulheres negras em lugar de poder, e que foram invisibilizadas, e/ou distorcidas pelas narrativas do imaginário colonial e racista que, infelizmente, ainda permeia nosso contexto. O projeto está em busca de recursos para a execução. A pesquisa, de modo independente, já vem sendo realizada.

“A palhaçaria é a linguagem da liberdade, do se compreender e acolher suas sombras e assim buscar autoconhecimento; e com o riso transformar a si e seu entorno”

Quero dar continuidade a um encontro de formação, junto às parceiras Antônia Vilarinho e Rhaisa Muniz, no projeto *Bruxaria de Palhaças – encontro de formação de palhaças na Ilha da Magia*. A ideia é realizar a segunda edição desse encontro.

Além disso, pretendo dar continuidade ao grupo de pesquisa RíDQ [Laboratório de investigação prática de processos de(s)coloniais em palhaçaria e atuação cênica], que emergiu a partir da experiência com a disciplina de Montagem Teatral na qual fui professora e diretora em 2020 e 2021.

6. Como tem sido a experiência de construir o grupo de palhaços e palhaças no Ceart?

O RíDQ emergiu a partir da disciplina de Montagem Teatral. Alguns estudantes quiseram continuar com o aprofundamento e a pesquisa. Eu me interessava em continuar pesquisando sobre um processo afrorreferenciado, então propus esse caminho de investigação.

Desde o ano passado (2022) estamos experimentando na prática um estímulo da filosofia afroperspectivista chamado de *Biomas Afetivos*, inspirados na leitura

de Sophie Owole e Renato Nogueira; no qual os palhaços e palhaças habitam, experimentam territórios de sentimentos relacionados com comportamentos e ciclos da natureza, para compreender encruzilhadas e caminhos “palhacísticos” e pessoais.

O grupo foi formado por remanescentes da montagem, a princípio, a ideia é aprofundar com integrantes que já tem um trabalho percorrido. Em 2023, a ideia é abrirmos para novos integrantes após o primeiro compartilhamento do espetáculo-laboratório que estamos elaborando. ■



Drica Santos e os estudantes do RíDQ. Foto: Acervo RíDQ

**Incômodo. Montagem Teatral 2022**

Direção: Zilá Muniz. Elenco: Alicia Luiza F. Rigotti, Carolina H. de Assis Bassi, Eduarda S. Borges, Fábio de Araújo Silva, Gustavo N. Ribeiro, Helena Los Godinho, Humberto B. Fagundes, João Pedro F. Perez, Luccas Gabriel Rau Oliva, Maria Eduarda Duarte, Thales Garcia. Foto: Ariel Gaboro

portfolio



Corajosa Sutileza em Oito Tempos

Espetáculo produzido na disciplina de Direção Teatral II em 2022

Direção: Nathália Albino. Atuação: Andresa Lima, Bruna Ferracioli, Nicolas Lopes. Foto: Ariel Gaboro



Que horas isso passa?

Espetáculo produzido na disciplina de Direção Teatral II em 2022

Direção coletiva e elenco: Gabriela Silva, Geruza Bandeira, Jessica Zeferino e Ricardo Lichtenfels. Foto: Ariel Gaboro



Canções de Maralto

Espetáculo produzido na disciplina de Direção Teatral II em 2022. Direção: Aline S. Martins. Elenco: Amanda Andrade, Ana Clara Reuter, Geruza Bandeira, Ingrid Sá, Nicolas Lopes. Músicos: Aline S. Martins, Fernando Caramori, Rafael D. de Oliveira. Foto: Ariel Gaboro



Foto: Heloíse Guesser

10 anos da Lei de Cotas no Brasil: conquistas e desafios na Udesc e no Ceart

Por Daiane Dordete Steckert Jacobs, Fátima Costa de Lima, Maria Aparecida Clemêncio e Viviane Beineke

O ano de 2022 marcou o aniversário de 10 anos da Lei de Cotas no Brasil, instituída em âmbito federal pela Lei nº 12.711/2012, que garantiu 50% das vagas para ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio para pessoas oriundas de famílias com renda igual ou inferior a um salário mínimo e meio *per capita*, a serem preenchidas por pessoas autodeclaradas pretas, pardas e indígenas, e por pessoas com deficiência.

Na década prévia, por força da organização do movimento negro, um feito exímio já se concretizava: a aprovação da Lei nº 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de *História Africana e Afro-brasileira* nos currículos escolares. Atendendo aos dispositivos da lei, o Ceart foi o primeiro centro da Udesc a introduzir uma disciplina específica nessa temática no curso de Licenciatura em Artes Visuais: *Arte Africana e Afro-brasileira*. Uma grande conquista! Seguindo esta política, identificam-se a partir de 2004, publicações em periódicos do Ceart sobre o tema. Na mesma época, na Udesc era discutida a estruturação de uma Política de Ações Afirmativas para a instituição.

Naquele momento, a professora Fátima Costa de Lima, do Departamento de Artes Cênicas (DAC) do Ceart, representava o Ceart na comissão instituída pela reitoria para este fim. Todavia, foram necessários quase 10 anos para que fizéssemos o primeiro vestibular com Ações Afirmativas, estruturado a partir da Resolução nº 17/2011 do Conselho Universitário (Consuni), garantindo 20% de cotas sociais, para estudantes vindos de escolas públicas, e 10% de cotas raciais, para estudantes autodeclaradas/os negras e negros. Neste momento a representação institucional do Ceart era realizada pelas técnicas universitárias Maria Aparecida Clemêncio (titular) e Lillian Rosane de Alencar (suplente), na comissão formada para o acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas da universidade. Neste meio tempo, alguns projetos de pesquisa e extensão tomaram a vanguarda da discussão sobre o tema, na Udesc, como um todo, e no Ceart.

Enfatizamos o pioneirismo dos programas de extensão Africatarina (1997-2010) e NEGA (2011-até hoje), coordenados pela professora Fátima Costa de Lima, assim como as práticas pedagógicas e ações de docentes e de técnicas/os, cujas realizações e reflexões foram decisivas para a instituição dessa política. Mais recentemente, tivemos a criação de núcleos específicos como o Núcleo de Acessibilidade Educacional (NAE) - Instituído pela resolução nº 050/2018 do Consuni e o Núcleo de Diversidades, Direitos Humanos e Ações Afirmativas (Nudha) - Instituído pelo Consuni (resolução nº 017/2021)-, órgão suplementar setorial do Ceart.

As equipes dos projetos pioneiros assumiram o protagonismo na discussão e na criação de disciplinas que tematizam questões de classe, gênero, étnico-raciais e de deficiência, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Essas disciplinas integram tanto currículos oriundos de reformas curriculares realizadas a partir de

2002, quanto as reformas curriculares que estão sendo discutidas neste momento nos departamentos do Ceart, visando à ampliação e efetivação das ações no centro.

A prova do sucesso das Ações Afirmativas e do ingresso por cotas via Vestibular Udesc, é que os projetos, protagonistas do debate no Ceart, passaram a se desenvolver de modo muito mais efetivo e com maior sucesso com o ingresso sistemático de estudantes cotistas na graduação, a partir de 2011.

Tal contexto move a todos a pensar a diversidade cultural, racial e étnica, dentre outras diversidades presentes no ambiente social e acadêmico, no sentido de trazê-las para os currículos. No entanto, temos que avançar por três motivos. Primeiramente porque os percentuais de cotistas estabelecidos pela instituição para o ingresso nos cursos de graduação são reduzidos em relação àquelas instituídas pela Lei de Cotas, que orienta as Políticas de Ações Afirmativas da maioria das universidades públicas brasileiras – uma questão minimizada pela adoção do SISU ao vestibular. Assim temos a necessidade de revisão e novos ajustes no programa vigente na Udesc. Em segundo lugar, porque a experiência com a graduação demonstra que as ações incrementam o interesse de estudantes pela universidade. Por último, porque estudantes ingressantes por cotas raciais e sociais contribuem muito para ampliar os saberes acadêmicos com conhecimentos artísticos, técnicos e científicos produzidos longe das instituições universitárias.

Criados e mantidos com resiliência e coragem por cinco séculos, esses conhecimentos ainda não se encontram devidamente incluídos, reconhecidos e aproveitados, o que uma política digna e justa de Ações Afirmativas asseguraria ao Ceart e à Udesc



Africatarina. Foto: Laís Moser

Ações Afirmativas na Pós-Graduação do Ceart

Já no âmbito da pós-graduação vale destacar o protagonismo dos programas do centro, que vêm há alguns anos instituindo Ações Afirmativas nos editais de seleção e, mais recentemente, vinculando a priorização na distribuição de bolsas de estudos às cotas. Destacamos aqui o pioneirismo do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC), que em 2014 iniciou sua Política de Ações Afirmativas no edital de seleção, estimulando os demais programas na adoção de cotas. As iniciativas levaram a Udesc Ceart a construir uma política inédita no âmbito da pós-graduação, em 2022, por meio da resolução nº 009/2022 do Conselho de Centro (Concentro) do Ceart, que dispõe sobre a política de Ações Afirmativas para pessoas negras, indígenas, com deficiência, quilombolas, trans e outros grupos sociais nos programas de pós-graduação, instituindo um mínimo de 40% de reserva de vagas para estes públicos, associada ainda à priorização na distribuição de bolsas de estudos.

A estruturação da resolução se deu a partir da criação da Comissão de Ações Afirmativas da Pós-Graduação (CAFI) do Ceart, em 2022, sob liderança da diretora de Pesquisa e Pós-Graduação, professora Viviane Beineke.

A comissão conta com a participação de todas as categorias, e já no primeiro ano de trabalho elaborou a proposta de resolução de Ações Afirmativas dos programas de pós-graduação do Ceart, em diálogo com colegiados e referendada pelo Concentro.

Em 2022, a comissão estruturou, ainda, o Edital PIAA-PG, que articula as Ações Afirmativas a uma política de internacionalização dos PPGs, viabilizando a participação de discentes em eventos internacionais, com ênfase à participação de estudantes cotistas.

Com essas ações, o Ceart reforça o compromisso com a construção de uma sociedade democrática, plural e ética, contribuindo institucionalmente para incrementar a pluralidade epistemológica e a diversidade étnica, racial, de gênero e cultural em ações de ensino, pesquisa e extensão. Temos o desafio de estruturar agora uma política e um mecanismo de acompanhamento dessas ações, inclusive, visando às permanentes qualificações, abrangência e ampliação.

Comissão de Ações Afirmativas e Diversidades da Udesc (CAAD)

Mais uma vez o Ceart se destacou ao provocar o debate em torno dos assuntos estudantis e da revisão do Programa de Ações Afirmativas da Udesc, a partir de uma minuta de resolução encaminhada aos centros de ensino pela reitoria, em 2019. Como consequência, a Udesc iniciou a estruturação da Comissão de Ações Afirmativas e Diversidades (CAAD), instituída pelo Ato do Reitor nº 258/2020, sob a presidência da técnica universitária Maria Aparecida Clemêncio (2020-2022), a fim de revisar e alterar a resolução nº 017/2011/Consuni .

A CAAD é de natureza consultiva, propositiva e de acompanhamento das ações afirmativas, diversidades

e inclusão social dentro da universidade. O objetivo dela é instrumentalizar teórica e metodologicamente, assim como promover e fundamentar as discussões sobre essa pauta, aprofundando conhecimentos no sentido de ampliar as Políticas de Ações Afirmativas vigente. Atualmente, a comissão está em pleno desenvolvimento, sob a presidência da técnica universitária Maria Helena Tomaz, e o Ceart está representado nela pelo professor Mauro de Bonis.

Enfatizamos, ainda, que a CAAD tem como objetivo promover alterações e ajustes relativos à: implementação do acesso de cotistas docentes e técnicos via editais de ingresso por concurso público; institucionalização universalizada das cotas na pós-graduação tendo por base o já produzido na resolução Ceart e em outros centros de ensino; alterações nas bancas de heteroidentificação; ampliação dos Programas de Permanência Estudantil com especificidades relativas ao ingresso de cotistas discentes.

A CAAD deve assessorar a Secretaria de Assuntos Estudantis, Diversidade e Ações Afirmativas da Udesc no que concerne à formação continuada docente e técnica neste campo, e ao mapeamento e acompanhamento de cotistas oriundos da Política de Ações Afirmativas, suas condições e características nas etapas de ingresso, permanência e conclusão de curso, dentre outros.

Caminhamos muito ao longo desta década da Lei de Cotas na construção de ações para a necessária inclusão social e transformação epistemológica nos cursos de graduação e pós-graduação do Ceart mobilizadas por iniciativas pregressas pioneiras, e por legislações educacionais específicas. Todavia, temos muito para avançar, para a consolidação de uma Política de Ações Afirmativas institucional, que garanta o ingresso, permanência e acompanhamento

de estudantes cotistas, em alinhamento com a política federal. Além disso, precisamos avançar nas cotas para concursos públicos de professoras/es e técnicas/os universitárias/os, tendo em vista que temos apenas a cota de Pessoas com Deficiência (PcD) no concurso de técnicas/os, e nenhuma cota para concurso docente.

Como pesquisadoras e professoras, sabemos que a transformação da realidade só ocorre na concretude das ações realizadas. Para sermos uma universidade diversa e inclusiva, precisamos primeiramente mudar a constituição de nossa comunidade acadêmica, para que as pessoas negras, indígenas, com deficiência, trans, migrantes etc., possam estar nesta corpora universitária, e auxiliar no movimento necessário e mudança epistemológica, bibliográfica, metodológica e cultural. E isso só será possível com a ampliação, adequação e consolidação da Política de Ações Afirmativas, conjugada ao fortalecimento das ações institucionais para auxílio à permanência estudantil no âmbito da Udesc. ■

Daiane Dordete é professora do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Udesc Ceart. Diretora-geral do Ceart (gestão 2021-2025).

Fátima Costa de Lima é professora do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Udesc Ceart. Diretora de Ensino de Graduação do Ceart (gestão 2021-2025).

Maria Aparecida Clemêncio é técnica Universitária em Educação da Udesc Ceart. Coordenadora do NUDHA (2019- 2021).

Viviane Beineke é professora do Departamento de Música e do Programa de Pós-graduação em Música da Udesc Ceart. Diretora de Pesquisa e Pós-graduação do Ceart (gestão 2021-2025).



VOLLO

revista de distribuição gratuita



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

CEART
CENTRO DE ARTES, DESIGN E MODA